



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS – INES
CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - CEAD
CURSO DE PEDAGOGIA BILÍNGUE

ERLIANDRO FELIX SILVA

**PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO DE LIBRAS PARA UMA
EDUCAÇÃO BILÍNGUE E ANTIRRACISTA: QUANDO MÃOS
NEGRAS SURDAS CONSTROEM EQUIDADE**

Polo – IFSP/SP
Junho de 2026

ERLIANDRO FELIX SILVA

**PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO DE LIBRAS PARA UMA
EDUCAÇÃO BILÍNGUE E ANTIRRACISTA: QUANDO MÃOS
NEGRAS SURDAS CONSTROEM EQUIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao
Curso de Pedagogia Bilíngue do Centro de Educação a
Distância do Instituto Nacional de Educação de Surdos,
como requisito para o título de Pedagogo.
Orientadora: Prof. Dra. Ana Regina e Souza Campello.

Polo – IFSP/SP
Junho de 2026

S586p Silva, Erliandro Félix.
Proposta de um glossário de Libras para uma educação
bilingue e antirracista: quando mãos negras surdas constroem
equidade / Erliandro Félix Silva. — 2026.
73 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Ana Regina e Souza Campello.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia)—Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2026.
Disponível em Libras (60 min.)

1. Educação bilingue de surdos. 2. Libras. 3. Educação
antirracista. 4. Pessoas negras surdas. 5. Glossário. I. Título. II.
Campello, Ana Regina e Souza.

CDD 419

ERLIANDRO FELIX SILVA

**PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO DE LIBRAS PARA UMA
EDUCAÇÃO BILÍNGUE E ANTIRRACISTA: QUANDO MÃOS
NEGRAS SURDAS CONSTROEM EQUIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao
Curso de Pedagogia Bilíngue do Centro de Educação a
Distância do Instituto Nacional de Educação de Surdos,
como requisito para o título de Pedagogo.

BANCA EXAMINADORA

Presidenta e Orientadora: Prof. Dra. Ana Regina e Souza Campello
Departamento de Educação Superior / INES

Profª. Dra. Simone Gonçalves de Lima da Silva
Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Palhoça Bilíngue (IFSC/SC)

Profª. Dra. Pâmela do Socorro da Silva Matos
Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA

Aprovado em 15 de junho de 2026



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR-DESU
Rua das Laranjeiras, 232. Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ – Brasil. CEP 22240-003
CNPJ – 00.394.445/0273-01
www.ines.gov.br

ATA DE APROVAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia 15 (quinze) de junho de 2026, foi realizada a defesa do trabalho de conclusão de curso com o título **PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO DE LIBRAS PARA UMA EDUCAÇÃO BILÍNGUE E ANTIRRACISTA: QUANDO MÃOS NEGRAS SURDAS CONSTROEM EQUIDADE**, elaborado por **ERLIANDRO FÉLIX SILVA**, do Curso de Pedagogia Bilíngue do Departamento de Educação Superior do INES, como requisito para obtenção do Grau de licenciado(a) em Pedagogia Bilíngue. Fizeram parte da Banca Examinadora a professora orientadora Dra. **ANA REGINA E SOUZA CAMPELLO – DESU/INES (RJ)**, a professora Dra. **SIMONE GONÇALVES DE LIMA DA SILVA - IFSC - Câmpus Palhoça Bilíngue (SC)** e a professora Dra. **PAMELA DO SOCORRO DA SILVA MATOS – UFRA (PA)** que consideraram o trabalho aprovado com a nota final (10,0 – dez, vírgula zero). O TCC deve ser disponibilizado no Repositório Digital Huet na sua versão final.

Rio de Janeiro, 15 de JUNHO de 2026.

Assinatura da Orientadora

Documento assinado digitalmente
ANA REGINA E SOUZA CAMPELLO
Data: 15/06/2026 14:45:28-0300
Verifique em <https://webtril.in.gov.br>

Assinatura - participante da banca (1)

Documento assinado digitalmente
SIMONE GONÇALVES DE LIMA DA SILVA
Data: 15/06/2026 15:12:00-0300
Verifique em <https://webtril.in.gov.br>

Assinatura - participante da banca (2)

Documento assinado digitalmente
PAMELA DO SOCORRO DA SILVA MATOS
Data: 15/06/2026 15:09:53-0300
Verifique em <https://webtril.in.gov.br>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a elaboração de um glossário formativo-consultivo em Libras voltado à educação bilíngue de pessoas surdas em diálogo com a educação antirracista. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, bibliográfica e documental, fundamentada em autores dos estudos surdos, da educação bilíngue, das relações étnico-raciais, da interseccionalidade e da decolonialidade. O percurso metodológico envolveu o levantamento de obras de referência, a seleção de termos-conceito relacionados ao antirracismo e sua sistematização em uma cartilha digital acessível, composta por definições em português escrito, vídeos em Libras, *QR codes* e propostas de uso pedagógico. Foram selecionados termos como quilombismo, identidade negra, epistemicídio, escrevivência, racismo estrutural, interseccionalidade, branquitude, antirracismo, ancestralidade e preto-surdo. Os resultados indicam que a produção de materiais bilíngues deve ir além da acessibilidade linguística, incorporando dimensões raciais, culturais e identitárias. Conclui-se que a produção do glossário contribuirá para práticas pedagógicas mais críticas, inclusivas e comprometidas com a valorização das identidades negras surdas.

Palavras-chave: educação bilíngue de surdos; Libras; educação antirracista; pessoas negras surdas; glossário.

RESUMO EM LIBRAS



Resumo em Libras - TCC - INES

Link: https://www.youtube.com/watch?v=ePwmGHt_op0



ABSTRACT

This article aims to present the development of a formative-consultative glossary in Libras (Brazilian Sign Language) focused on the bilingual education of deaf people in dialogue with anti-racist education. The research is characterized as qualitative, bibliographic, and documentary, based on authors from deaf studies, bilingual education, ethnic-racial relations, intersectionality, and decoloniality. The methodological approach involved the survey of reference works, the selection of conceptual terms related to anti-racism, and their systematization in an accessible digital booklet, composed of definitions in written Portuguese, videos in Libras, QR codes, and proposals for pedagogical use. Terms such as quilombismo, black identity, epistemicide, "escravivência", structural racism, intersectionality, whiteness, anti-racism, ancestry, and "preto-surdo" (a term referring to Black deaf people) were selected. The results indicate that the production of bilingual materials should go beyond linguistic accessibility, incorporating racial, cultural, and identity dimensions. It is concluded that the glossary contributes to more critical, inclusive pedagogical practices committed to valuing the identities of Black deaf people.

Keywords: bilingual education for the deaf; Libras (Brazilian Sign Language); anti-racist education; Black deaf people; glossary.

LISTA DE SIGLAS

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CEAD – Centro de Educação à Distância

EJA - Educação de Jovens e Adultos

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

IFSP – Instituto Federal de São Paulo

NEABI - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conceitos freireanos em diálogo com a educação bilíngue de surdos	21
Quadro 2 – Critérios de seleção dos termos para a construção do glossário	28
Quadro 3 – Termos, autores de referência e definições do glossário	31
Quadro 4 – Síntese dos resultados e produtos da pesquisa	35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do recurso formativo	33
Figura 2 – Exemplo de organização de verbete (quilombismo)	33
Figura 3 – Exemplo de verbete explicado em Libras (QR code)	34
Figura 4 – Propostas de atividades pedagógicas	34

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1 INTRODUÇÃO	16
2 INTERFACES ENTRE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA DE SURDOS	19
2.1 Fundamentos da educação antirracista	19
2.2 Libras e produção de conhecimentos na educação de surdos	25
3 METODOLOGIA	27
4 ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS SINAIS-TERMOS PARA A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM LIBRAS	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE	39
A - “MÃOS QUE SINALIZAM RESISTÊNCIA: GLOSSÁRIO ANTIRRACISTA EM LIBRAS”	42

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Erliandro. Sou preto, surdo-mudo¹, gay, baiano, filho do candomblé e venho de uma família humilde e ouvinte. Nasci ouvinte, porém, aos três anos de idade, após um quadro de meningite, fiquei surdo mudo. A surdez modificou completamente minha relação com o mundo, com a língua, com a escola e com as formas de comunicação. Hoje, olhando minha trajetória, acredito que a surdez não foi apenas uma condição que transformou minha vida, mas também uma possibilidade de desenvolver uma visão diferente daquela vivida historicamente por muitos membros da minha família. Mesmo sendo surdo mudo, consegui enxergar outros caminhos e compreender que era possível sonhar, estudar, ocupar espaços e conquistar oportunidades antes consideradas distantes da nossa realidade.

Sou filho da querida Maria Roza Felix Silva, mulher preta batalhadora, que teve cinco filhos. Sou o único da família que estudei na Educação de Jovens e Adultos (EJA), cheguei ao ensino superior e alcancei a carreira pública como servidor federal efetivo. Atualmente, sou professor efetivo da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Entretanto, minha trajetória não pode ser contada como uma narrativa individual de mérito ou sorte. Nunca foi um caminho percorrido sozinho.

Ao longo da vida, muitas pessoas acreditaram em mim, me acolheram, me orientaram, me incentivaram e caminharam comigo nos momentos mais difíceis. Houve professores, amigos, colegas e profissionais que me ajudaram a continuar quando o caminho parecia impossível. Por isso, não acredito na ideia simplificada de sucesso individual. Minha história é fruto de uma luta coletiva, do apoio humano recebido ao longo do percurso e de uma persistência que nunca cessou. Cada etapa conquistada exigiu resistência, trabalho, estudo e coragem para continuar.

Tenho muito orgulho da minha família. Reconheço que meus familiares viveram em um contexto social em que estudar não era prioridade porque, antes de tudo, era preciso sobreviver. As oportunidades educacionais eram escassas, especialmente para famílias pretas pobres e trabalhadoras. Eu mesmo nasci antes da Constituição Federal de 1988, período em que muitos direitos ainda não estavam plenamente garantidos para a população brasileira, especialmente para grupos historicamente marginalizados.

¹ Neste trabalho, a expressão “surdo-mudo” é utilizada como autodenominação identitária do autor, em diálogo com Campello (2020). Nesse sentido, o termo não indica ausência de linguagem, inteligência ou capacidade de comunicação, mas expressa uma escolha de pertencimento cultural ligada à comunidade sinalizante. Seu uso não pretende nomear ou representar todas as pessoas surdas.

Desde cedo, descobri na educação pública do ensino gratuito e de qualidade um espaço de transformação. Amo estudar, ler, escrever, pesquisar e produzir materiais didáticos voltados para as pessoas surdas mudas. Acredito profundamente na educação pública do ensino gratuito e de qualidade, oportunidade e socialmente comprometida. Espero, sinceramente, não ser o último da minha família a alcançar o ensino superior. Desejo que minha trajetória possa demonstrar que outros caminhos também são possíveis.

No ano de 2021, concluí minha graduação em Licenciatura em Letras-Libras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Depois disso, ao consultar o site do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), encontrei o processo seletivo para a Licenciatura em Pedagogia Bilíngue CEAD. Realizei minha inscrição, fui aprovado no polo do Instituto Federal de São Paulo - IFSP e fiquei extremamente feliz por finalmente poder cursar a segunda licenciatura que eu desejava há muito tempo.

Meu interesse pela Pedagogia foi fortemente influenciado pelas leituras de dois grandes pensadores da educação brasileira: Paulo Freire e Dermeval Saviani. Paulo Freire, especialmente em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, me ensinou a pensar a educação como prática de liberdade, consciência crítica e transformação social. Já Saviani me levou a refletir sobre os desafios da formação docente, das políticas educacionais e da organização curricular. Suas reflexões me ajudaram a compreender que educação não pode estar separada das questões sociais, raciais, linguísticas e culturais.

Esses referenciais teóricos dialogaram intensamente com minha experiência no curso, especialmente a partir da disciplina “Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades”. Essa disciplina provocou em mim reflexões profundas sobre identidade, racismo, diferença, representatividade e acessibilidade linguística na educação de pessoas surdas mudas. Foi nesse contexto que surgiu o desejo de desenvolver uma pesquisa voltada à educação bilíngue e antirracista.

Um dos momentos mais importantes da minha trajetória na Pedagogia foi a oportunidade de construir, junto à querida professora Ana Regina e Souza Campello, a pesquisa intitulada: “PROPOSTA DE UM GLOSSÁRIO DE LIBRAS PARA UMA EDUCAÇÃO BILÍNGUE E ANTIRRACISTA: QUANDO MÃOS NEGRAS SURDAS CONSTROEM EQUIDADE” no apêndice.

Essa pesquisa representa muito mais do que uma produção acadêmica. Ela reúne minha identidade como pessoa preta surda muda, pesquisador, professor e defensor de uma educação linguística, culturalmente acessível e comprometida com a equidade social. Acredito na necessidade de ampliar os recursos pedagógicos em Libras para fortalecer o acesso das pessoas surdas mudas aos conhecimentos relacionados à educação antirracista.

Ter estudado no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) representa para mim uma grande honra. Fundado em 26 de setembro de 1857, o INES é referência histórica na educação de pessoas surdas mudas no Brasil e internacionalmente reconhecido por sua contribuição à educação bilíngue.

Também considero fundamental destacar que o curso de Pedagogia Bilíngue apresenta um compromisso concreto com a acessibilidade linguística das pessoas surdas mudas, oferecendo uma estrutura pedagógica organizada a partir das duas línguas que sustentam nossa formação: a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa.

Minha trajetória continua em construção. Carrego comigo a certeza de que estudar, pesquisar, ensinar e produzir conhecimento são formas de resistência, transformação social e construção de futuros mais acessíveis, mais humanos e mais justos para as pessoas surdas mudas e para todos aqueles que historicamente tiveram seus direitos negados.

1. INTRODUÇÃO

A trajetória da educação de pessoas surdas no Brasil vem passando por transformações ao longo das últimas décadas, especialmente a partir do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão (Brasil, 2002; 2005). Esse marco representou um passo importante para a construção de uma educação mais inclusiva, culturalmente situada e alinhada às especificidades linguísticas da comunidade surda (Brasil, 2015). Conforme a Lei nº 10.436/2002, a Libras é “[...] a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil 2002).

Mais recentemente, a institucionalização da educação bilíngue de surdos, fundamentada no uso da Libras como primeira língua e do português escrito como segunda, consolidou-se como um avanço normativo e político, sobretudo após a promulgação da Lei nº 14.191/2021 (Brasil, 2021), que inseriu formalmente essa modalidade educacional na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996; 2021). Contudo, as legislações atuais não garantem, *per si*, que a educação bilíngue de surdos já esteja efetivada na realidade educacional brasileira. Isso porque persistem inúmeros desafios relacionados à sua implementação, principalmente nos sistemas públicos de ensino (Perlin, 2013; Quadros, 2019; Gomides *et al.*, 2021; Guimarães Júnior *et al.*, 2022; Cunha; Santos, 2025).

Entre eles, destacam-se a escassez de escolas bilíngues específicas para surdos, a carência de professores com formação adequada em Libras e em educação de surdos, a ausência de intérpretes em número suficiente, a limitação de materiais didáticos acessíveis e a fragilidade das políticas públicas de acompanhamento e avaliação dessa modalidade de ensino (Quadros, 2007; Gomides *et al.*, 2021; Reis *et al.*, 2025). Além disso, observa-se uma lacuna nas pesquisas e políticas educacionais, quando se trata da intersecção entre surdez, raça e identidade. Em geral, a educação de surdos é abordada sob uma perspectiva predominantemente linguística ou clínica, deixando em segundo plano as dimensões étnico-raciais, culturais e sociais que atravessam a construção das identidades surdas (Strobel, 2008; Silva; Aguiar, 2025).

No campo da formação docente e da produção de recursos didáticos, observa-se a ausência de glossários, cartilhas e materiais em Libras que sistematizem conceitos ligados ao antirracismo, à identidade negra, à representatividade e à justiça social. Nesse contexto, torna-se relevante produzir um material formativo-consultivo que reúna sinais-termos em Libras, organizados a partir de obras de referência de autoras e autores antirracistas como Abdias do

Nascimento (2019), Neusa Santos Souza (2021), Beatriz Nascimento (2018), Sueli Carneiro (2023), Conceição Evaristo (2020), Renato Nogueira (2011), Djamila Ribeiro (2019), Lélia Gonzalez (2020), Silvio Almeida (2019), Carla Akotirene (2019), Lia Vainer Schucman (2020), Kabengele Munanga (2005) e Eduardo David de Oliveira (2021), como contribuição para práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e socialmente comprometidas. Para isto, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa e documental (Godoy, 1995; Gil, 2010).

A população negra surda, em particular, encontra-se situada em uma zona de dupla invisibilidade, marcada simultaneamente pelo racismo estrutural e pelo capacitismo, o que gera experiências de exclusão ainda mais profundas (Paula *et al.*, 2023; Silva, 2025). As vivências das pessoas negras surdas são atravessadas por múltiplas formas de opressão, mas também por resistências, ancestralidades e potências culturais que raramente são reconhecidas no ambiente escolar. A ausência de representatividade nos currículos, a invisibilização da história e da cultura negra surda, e a falta de referências positivas contribuem para a construção de trajetórias educacionais marcadas pela exclusão, evasão e sentimentos de não pertencimento (Paula *et al.*, 2023; Silva; Barbosa; Rocha, 2025; Santos; Silva, 2026).

A educação, enquanto espaço de formação humana, deveria ser um território de reconhecimento, valorização das diferenças e construção de identidades positivas (Freire, 2019; 2020). Por isso, torna-se necessário repensar as práticas pedagógicas voltadas às pessoas surdas, ampliando-as para além da dimensão linguística e considerando os atravessamentos raciais, culturais e sociais que constituem esses sujeitos (Guimarães Júnior, 2022). Assim, a educação bilíngue de surdos precisa dialogar com uma perspectiva antirracista, intercultural e decolonial, capaz de romper com padrões eurocêntricos e normativos que historicamente marginalizam corpos negros e surdos (Quijano, 2005; Paula *et al.*, 2023; Silva; Barbosa; Rocha, 2025).

Então, como objetivo geral tencionamos elaborar um glossário formativo-consultivo em Libras, com sinais-terms relacionados à educação antirracista, a partir de levantamento bibliográfico em obras de autoras e autores antirracistas. Como objetivos específicos temos: i) Levantar e selecionar, em obras de referência, termos e conceitos relacionados à educação antirracista, aplicando-os ao contexto da educação de surdos; ii) Organizar e registrar, em Libras, sinais-terms correspondentes aos conceitos identificados; e iii) Produzir uma cartilha digital de caráter formativo-consultivo, reunindo os sinais-terms em vídeo, com breve descrição dos termos e autores que deles tratam, *link* e *QR code*.

Trata-se de entender que a escola é mais que um espaço de ‘transmissão’ de conteúdos, mas como um lugar de construção de identidades, fortalecimento de vínculos comunitários e afirmação de direitos. Através dela, é possível a busca pelo *ser mais*, tão defendido por Freire

(2019; 2020), como um movimento de autonomia e emancipação humana. Ao reconhecer as “mãos negras surdas” como símbolos de luta, resistência e produção de conhecimento, valorizamos as narrativas, experiências e saberes desses sujeitos, compreendendo-os como agentes de transformação social. Então, é possível afirmar que a educação bilíngue de surdos não se trata apenas de uma adaptação linguística, mas de um instrumento de justiça social, pertencimento, reconhecimento cultural e emancipação (Gomides *et al.*, 2021; Guimarães Júnior *et al.*, 2022; Cunha; Santos, 2025).

Portanto, esta pesquisa se insere em um campo necessário, que questiona as estruturas excludentes da educação tradicional e propõe novos caminhos baseados na diversidade, equidade e valorização das identidades múltiplas. O artigo se organiza da seguinte maneira: inicialmente, apresenta-se a introdução, com a contextualização do tema, a problematização, os objetivos e a justificativa da pesquisa. Em seguida, discutem-se as interfaces entre educação antirracista e educação de surdos, com destaque para a educação bilíngue, a Libras, os estudos surdos, a interseccionalidade e a decolonialidade. Na sequência, descreve-se o percurso metodológico adotado para a seleção dos termos e a elaboração do material formativo-consultivo. Posteriormente, apresenta-se a análise e sistematização dos sinais-termos selecionados para a composição do glossário. Por fim, são tecidas as considerações finais, destacando as contribuições da proposta para a formação docente, produção de materiais acessíveis e fortalecimento de práticas pedagógicas bilíngues e antirracistas.

2. INTERFACES ENTRE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E EDUCAÇÃO DE SURDOS

A articulação entre educação antirracista e educação de surdos exige compreender que a comunidade surda não é homogênea, pois os sujeitos surdos são atravessados por diferentes marcadores sociais, como raça, gênero, classe, território, cultura e identidade. Nesse sentido, embora a Libras seja central para a garantia do direito linguístico e educacional das pessoas surdas, a educação bilíngue de surdos não pode ser reduzida apenas à acessibilidade comunicacional, devendo também considerar as desigualdades históricas que afetam, de modo específico, pessoas negras surdas (Quadros, 2019; Collins, 2015; 2021).

Nessa perspectiva, a educação antirracista contribui para problematizar o racismo estrutural, o apagamento de saberes negros e a ausência de representatividade nos currículos e materiais didáticos, aspectos que se tornam ainda mais complexos quando articulados à surdez (Almeida, 2019; Carneiro, 2023; Munanga, 2005). Assim, pensar uma educação bilíngue e antirracista implica reconhecer a Libras, a cultura surda, a negritude e a ancestralidade como dimensões inseparáveis da formação humana, em diálogo com uma pedagogia crítica, emancipatória e comprometida com a transformação social (Freire, 2019; 2020; Quijano, 2005).

Desse modo, este capítulo discute os fundamentos que aproximam a educação de surdos e a educação antirracista, evidenciando que a produção de materiais em Libras sobre relações étnico-raciais, como o glossário proposto nesta pesquisa, constitui uma estratégia político-pedagógica de valorização das identidades negras surdas, de enfrentamento ao racismo e fortalecimento de práticas educativas mais inclusivas, críticas e socialmente referenciadas (Silva, 2025; Paula *et al.*, 2023; Silva; Barbosa; Rocha, 2025).

2.1. Fundamentos da educação antirracista

De acordo com Gomides *et al.* (2022), a Lei nº 14.191/2021 pode abrir frentes para a formalização e efetivação das políticas de educação bilíngue de surdos, ao incluir esse pressuposto na LDB. Contudo, nem sempre os dispositivos legislativos têm sido efetivamente convertidos em práticas pedagógicas concretas nas instituições de ensino. São evidenciadas contradições expressivas no processo de implementação, sobretudo no que diz respeito à escassez de escolas bilíngues, à insuficiência de professores fluentes em Libras, à carência de materiais didáticos adequados e à compreensão equivocada de que a simples presença de intérpretes caracteriza uma educação bilíngue de surdos de qualidade.

Além disso, há também um alerta para a necessidade de investigações que considerem marcadores sociais, como raça, classe e território, apontando que a realidade educacional de

sujeitos surdos não pode ser considerada homogênea, especialmente em um país marcado por profundas desigualdades estruturais (Gomides *et al.*, 2022). Em adição, Cunha e Santos (2025), evidenciam que o principal entrave para a consolidação do modelo bilíngue nas escolas brasileiras não se restringe à legislação, mas está diretamente ligado às condições de sua implementação.

Entre os desafios identificados estão a ausência de formação continuada para docentes, a falta de materiais didáticos específicos em Libras e em Língua Portuguesa escrita, bem como a inexistência de práticas avaliativas adaptadas às especificidades linguísticas dos estudantes surdos. Então, a educação bilíngue de surdos deve ser compreendida para além de uma proposta metodológica, sendo reconhecida como um direito linguístico, cultural e identitário. Nesta perspectiva, é evidente que a Libras não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um elemento estruturante da identidade surda, responsável pela mediação simbólica, cultural e social do sujeito (Cunha; Santos, 2025).

O estudo reforça, ainda, que a comunidade surda é plural, apresentando diferentes marcadores identitários, como gênero, raça e condição socioeconômica, o que exige práticas pedagógicas sensíveis às múltiplas realidades dos alunos. Não é correto, como muitos consideram, que há uma única comunidade surda. As pessoas são plurais e, como consequência, os grupos aos quais se identificam também. Isso nos mostra que seria mais correto dizer “comunidades surdas”, justamente para reconhecer essa multiplicidade nas identidades compartilhadas. As análises apresentadas contribuem para fundamentar a necessidade de uma abordagem interseccional no âmbito da educação bilíngue, conforme proposto nesta pesquisa (Cunha; Santos, 2025).

Isso nos remete às defesas de Freire (2019; 2020), que defende a pedagogia crítica e a educação libertadora. Para ele, a educação não deve ser reduzida à ‘transmissão’ de conteúdos ou informações, mas à construção coletiva do conhecimento, pautada na conscientização e transformação social. Para Freire (2019; 2020), ensinar e aprender são processos indissociáveis, nos quais educadores e educandos se reconhecem como sujeitos históricos capazes de intervir no mundo. Assim, a figura do professor não é central, ele é o mediador, e aprende enquanto ensina, com os próprios educandos.

Essa perspectiva é fundamental para pensar a educação bilíngue de surdos, pois desloca o foco da “correção” da deficiência para o reconhecimento da diferença linguística e cultural. A nos ajudar a pensar sobre a valorização das línguas de sinais como veículos legítimos de expressão e pensamento, a pedagogia freiriana contribui para romper com paradigmas coloniais que marginalizam comunidades surdas. A centralidade da experiência do estudante, a

valorização da cultura e da identidade, e o estímulo ao diálogo são princípios que fortalecem a luta por uma educação inclusiva e emancipadora (Freire, 2019; 2020).

Neste sentido, Freire (2019; 2020) inspira práticas pedagógicas que reconhecem a diversidade como riqueza, a partir de sua crítica ao ‘modelo bancário’ de educação, que trata os alunos como recipientes passivos, especialmente relevante para combater visões capacitistas que reduzem a pessoa surda a um objeto de intervenção médica. Assim, aplicar a pedagogia crítica de Freire (2019; 2020) à educação bilíngue de surdos significa promover ambientes de aprendizagem nos quais Libras e português coexistam em diálogo e respeito às especificidades culturais e linguísticas.

Com base nos pressupostos de Freire (2019; 2020), elaboramos o Quadro 1 como exercício de aproximação teórico-analítica entre categorias freireanas e os fundamentos da educação bilíngue de surdos, considerando a centralidade da Libras, cultura surda e crítica às práticas de ouvintização no contexto escolar:

Quadro 1 - Conceitos freireanos em diálogo com a educação bilíngue de surdos

Conceito em Paulo Freire	Educação bilíngue de surdos	Interface com a educação antirracista
Educação bancária	Ouvintização	Padroniza sujeitos e invisibiliza diferenças linguísticas e raciais.
Diálogo	Interação em Libras	Exige reconhecer vozes pretas-surdas e suas experiências.
Conscientização	Consciência sobre exclusão linguística	Permite compreender também racismo estrutural e interseccionalidade.
Invasão cultural	Imposição da cultura ouvinte	Pode se somar ao apagamento de referências negras e afrocentradas.
Libertação	Afirmação da Libras e da identidade surda	Fortalece também pertencimento étnico-racial e representatividade negro-surda.

Fonte: Elaboração própria com base em Freire (2019; 2020).

A adaptação desses conceitos evidencia que a educação bilíngue de surdos, quando orientada por uma perspectiva crítica, pode ser compreendida como prática de resistência à imposição linguística e cultural historicamente exercida pela racionalidade ouvinte (Freire, 2019; 2020). É importante também fomentar a autonomia dos sujeitos, permitindo que estudantes surdas/os se tornem protagonistas de sua própria formação. Assim, a proposta freireana, ao enfatizar a conscientização e a participação ativa, oferece subsídios para que a educação bilíngue de surdos seja não apenas uma modalidade de ensino, mas um instrumento de emancipação social e cultural (Freire, 2019; 2020).

Em relação aos estudos surdos, Quadros (2019) critica a compreensão equivocada de educação inclusiva, que muitas vezes se traduz em práticas assimilacionistas, negando a especificidade linguística e cultural das pessoas surdas. Então, a verdadeira inclusão só ocorre quando se reconhece a Libras como primeira língua e se garante sua circulação em todos os espaços escolares. Em igual medida, a educação bilíngue de surdos não deve ser vista como concessão, mas como direito. Isso implica criar ambientes nos quais surdas/os e ouvintes compartilhem experiências em Libras, fortalecendo a identidade surda e combatendo visões monolíngues que subestimam a língua de sinais.

Além disso, Quadros (2019) defende uma abordagem que valorize a diversidade e reconheça os surdos como membros plenos da sociedade. Sua contribuição é essencial para pensar políticas educacionais que superem estigmas e promovam a democratização do acesso linguístico. Ao propor agrupamentos de surdos em ambientes bilíngues, Quadros (2019) aponta para a necessidade de construir espaços coletivos de aprendizagem que respeitem a especificidade social da comunidade surda. Essa visão dialoga com a pedagogia crítica de Freire (2019; 2020), ao colocar os sujeitos no centro do processo educativo e ao valorizar suas experiências culturais.

Portanto, Quadros (2019) oferece uma análise contundente sobre os limites das práticas inclusivas tradicionais e propõe caminhos para uma educação bilíngue de surdos que seja verdadeiramente emancipadora. Em adição, Collins (2015; 2021) destaca que raça, classe, gênero, sexualidade, etnia, idade e outras categorias não operam isoladamente, mas de forma interconectada, produzindo desigualdades sociais complexas e persistentes. Essa perspectiva é fundamental para pensar a educação de surdos/as, pois permite enxergar que os corpos surdos não são apenas atravessados pela diferença linguística, mas por múltiplas dimensões sociais que moldam suas experiências.

No contexto brasileiro, marcado por uma população majoritariamente negra e periférica, a interseccionalidade revela como estudantes surdos/as enfrentam desafios que vão além da barreira comunicacional. São sujeitos que carregam em seus corpos marcas de raça, gênero, classe e território, que se entrecruzam e retroalimentam desigualdades. Collins (2015; 2021) nos lembra que esses sistemas de opressão estão organizados nas instituições sociais e, muitas vezes, invisibilizados nas práticas pedagógicas. Assim, compreender a educação de surdos/as a partir da interseccionalidade é reconhecer que não basta garantir o acesso à Libras ou ao português escrito, pois é necessário também enfrentar o racismo, o sexismo, o capacitismo e outras formas de exclusão que atravessam esses sujeitos.

A palestra de Collins (2019) na 39ª Reunião Nacional da ANPEd reforça esse ponto, ao afirmar que “na educação, há muitas interseccionalidades a serem descobertas”. Essa provocação nos convida a olhar para os relatórios avaliativos, os planejamentos pedagógicos e as práticas cotidianas com mais sensibilidade. Muitas vezes, ao avaliar estudantes surdos/as apenas pelo comportamento ou pela apropriação linguística, invisibilizamos suas pluralidades pulsantes. O estudante que chega atrasado ou dorme em sala pode estar enfrentando condições de trabalho precárias, responsabilidades familiares ou dificuldades socioeconômicas que não aparecem em uma avaliação tradicional.

A interseccionalidade, neste sentido, não é apenas um conceito teórico, mas uma lente que nos ajuda a perceber a complexidade da vida dos estudantes e a construir práticas pedagógicas mais justas. Collins (2015; 2019; 2021) nos ensina que cada sujeito é uma constelação de dimensões sociais, e que reconhecer essa multiplicidade é condição para promover uma educação que seja, de fato, emancipadora. Para professores/as que atuam na educação de surdos/as, essa perspectiva amplia o olhar e desafia modelos elitistas e excludentes de avaliação, convidando-nos a repensar os princípios que orientam nossas práticas.

Na Perspectiva Decolonial (2005) busca compreender e superar as estruturas de poder herdadas da colonização. Em seus estudos, introduz o conceito de “colonialidade do poder”, destacando como a exploração de povos negros e indígenas foi central para a formação da sociedade colonial e para a consolidação do capitalismo. Ao afirmar que os negros foram a “raça colonizada mais importante” na economia colonial, Quijano (2005, p. 56) evidencia como a lógica racial estruturou a economia, a cultura, a língua e a identidade. Essa reflexão permite compreender que a exclusão de saberes étnico-raciais nos currículos educacionais não é acidental, mas resultado de um processo histórico de silenciamento e subordinação.

A proposta de Quijano (2005) dialoga com a pedagogia crítica de Freire (2019; 2020), ao enfatizar a necessidade de emancipação dos sujeitos oprimidos e de construção de novas concepções de mundo. Ao integrar saberes étnico-raciais à prática pedagógica, é possível promover uma educação mais plural e representativa, capaz de enfrentar as desigualdades estruturais. A decolonialidade, portanto, não é uma crítica ao passado colonial, mas uma proposta de transformação presente, que busca desestabilizar hierarquias e abrir espaço para narrativas diversas.

Silva e Aguiar (2025), a partir de uma abordagem intercultural, defendem que a educação bilíngue de surdos deve romper com perspectivas medicalizantes e deficitárias, reconhecendo a surdez como uma diferença linguística e cultural, e não como uma patologia. A inclusão só se efetiva quando a escola passa a valorizar a diversidade cultural, promovendo

ambientes educativos que respeitem a língua de sinais, a identidade surda e as múltiplas vivências dos sujeitos. Assim, é fundamental que as instituições educacionais incorporem práticas pedagógicas que articulem conhecimentos acadêmicos às experiências culturais e sociais dos estudantes, fortalecendo sua identidade, autoestima e senso de pertencimento.

Embora o estudo não aborde exclusivamente a questão racial, a perspectiva intercultural defendida por Silva e Aguiar (2025) abre espaço para a valorização de identidades étnico-raciais historicamente marginalizadas, contribuindo para uma análise que considera a negritude e as ancestralidades africanas como elementos importantes na construção de uma educação bilíngue antirracista. Por sua vez, Reis e Gomes (2025), descrevem que a partir de uma abordagem neuropsicopedagógica, como o ensino bilíngue impacta os processos cognitivos e o desenvolvimento da aprendizagem de estudantes surdos. O estudo evidencia que a Libras desempenha um papel fundamental na formação das estruturas cognitivas, no desenvolvimento do pensamento abstrato e na construção do conhecimento formal.

São criticadas as abordagens tradicionais baseadas na deficiência, com a defesa que o bilinguismo deve ser compreendido como um direito humano e linguístico. Então, os contextos educacionais que valorizam a Libras, no caso brasileiro, contribuem para o protagonismo dos estudantes surdos (Reis; Gomes, 2025). Contudo, a efetivação de uma educação bilíngue de surdos de qualidade requer investimentos em formação docente, produção de materiais específicos e práticas pedagógicas culturalmente sensíveis. Tais contribuições dialogam diretamente com o enfoque antirracista do presente estudo, ao reconhecer a importância da identidade e valorização das diferenças culturais no processo educativo (Reis; Gomes, 2025).

Guimarães Júnior e Silva (2022), por meio de um estudo bibliométrico, analisaram a produção acadêmica brasileira sobre educação bilíngue de surdos no contexto da educação básica, identificando tendências, lacunas e desigualdades regionais. A pesquisa revela uma concentração dos estudos nas regiões Sudeste e Sul, enquanto o Norte e o Nordeste permanecem sub-representados no campo científico. Outro dado relevante apontado é a ausência de investigações que abordem a articulação entre surdez, raça e identidade étnico-racial.

A maioria dos trabalhos analisados concentra-se em aspectos pedagógicos e linguísticos, desconsiderando os impactos dos marcadores sociais na experiência educacional dos sujeitos surdos (Guimarães Júnior; Silva, 2022). Desta forma, esses achados reforçam a relevância de propostas interessadas na produção de materiais e reflexões interseccionais, sob a perspectiva da educação bilíngue e antirracista, contribuindo para a ampliação do campo teórico e para a promoção de práticas educacionais mais justas e inclusivas.

2.2. Libras e produção de conhecimentos na educação de surdos

A recente inclusão da educação bilíngue de surdos como modalidade formal na legislação brasileira, por meio da Lei nº 14.191/2021 (Brasil, 2021), representa um avanço importante no campo das políticas públicas educacionais (Brasil, 1996; 2021; Gomides *et al.*, 2022). No entanto, é fundamental destacar que a existência das leis não garante a implementação desses direitos na prática, tampouco, assegura que essa realidade ocorra de maneira sensível às múltiplas dimensões identitárias, culturais e raciais que atravessam os sujeitos surdos.

Em muitas realidades, a educação bilíngue de surdos permanece restrita ao plano normativo, sem os investimentos necessários em formação docente, infraestrutura, produção de materiais didáticos acessíveis e valorização da Libras enquanto língua de instrução e de identidade (Gomides *et al.*, 2022; Silva; Barbosa; Rocha, 2025; Silva, 2025). Além disso, observa-se que a maior parte da literatura recente sobre bilinguismo surdo tem se concentrado nos aspectos linguísticos, metodológicos e pedagógicos mais gerais, como o desenvolvimento da linguagem, a alfabetização em português escrito, a aquisição da Libras e as estratégias de ensino em contexto inclusivo ou bilíngue (Strobel, 2009; Silva; Aguiar, 2025; Silva, 2025; Skliar, 2015).

Embora esses estudos sejam de extrema relevância, eles ainda se mostram insuficientes quando analisados sob uma perspectiva interseccional, pois raramente consideram o impacto do racismo estrutural e das desigualdades étnico-raciais na trajetória educacional das pessoas surdas, em especial das pessoas negras surdas (Collins, 2000; Almeida, 2019). O próprio levantamento bibliométrico realizado por Guimarães Júnior *et al.* (2022) evidenciam que a produção acadêmica relacionada à surdez no Brasil concentra-se em determinadas regiões do país, sobretudo no Sudeste e no Sul, e pouco aborda recortes étnico-raciais, de gênero e de classe social.

Essa realidade revela-se um reflexo das desigualdades estruturais que atravessam o cenário educacional brasileiro. Desta forma, as experiências de pessoas negras surdas, sobretudo aquelas localizadas em contextos periféricos, amazônicos e interioranos, tendem a permanecer invisibilizadas no campo das pesquisas e no interior das próprias instituições escolares (Guimarães Júnior *et al.*, 2022). Ao mesmo tempo, nos espaços em que a educação bilíngue de surdos começa a ser implementada, persistem desafios relacionados à formação docente específica e o despreparo das equipes escolares para lidar com a diversidade e à

fragilidade do apoio institucional (Gomides *et al.*, 2021; Paula *et al.*, 2023; Cunha; Santos, 2025).

Então, deve-se compreender que a pessoa surda negra não vivencia apenas os desafios relacionados à comunicação, mas enfrenta diariamente os impactos do racismo estrutural, preconceito, marginalização social e invisibilização de sua história e cultura. Esses fatores contribuem para a construção de trajetórias educacionais marcadas por exclusões sucessivas, afetando negativamente a autoestima, o pertencimento e as possibilidades de desenvolvimento. Assim, discutir uma educação bilíngue de surdos orientada por princípios antirracistas significa reconhecer que a escola também é um espaço político, no qual as identidades são (des)construídas, os valores são reforçados e as desigualdades podem ser reproduzidas ou combatidas (Silva; Aguiar, 2025; Silva, 2025).

Pensar práticas pedagógicas que valorizem as “mãos negras surdas” é reconhecer a potência desses corpos enquanto agentes históricos, culturais e linguísticos, que carregam em seus gestos memórias ancestrais, resistências e formas próprias de produção de conhecimento. É importante ressaltar que o Brasil é marcado por desigualdades raciais históricas, heranças de um passado colonial e escravocrata, que ainda se refletem no acesso à educação, à saúde, ao trabalho e aos direitos básicos. Neste cenário, garantir que pessoas negras surdas tenham acesso a uma educação que valorize suas línguas, corpos, narrativas e identidades é uma forma de promover equidade, justiça e reparação histórica (Paula *et al.*, 2023; Silva, 2025).

Acreditamos que as práticas pedagógicas bilíngues podem ser transformadas em instrumentos de valorização das múltiplas identidades, reconhecendo suas histórias, ancestralidades, experiências e lutas sociais. Ao centralizar as vivências das pessoas negras surdas, deslocamos o olhar tradicionalmente focado em uma educação homogeneizadora (Freire, 2019; 2020), propondo uma abordagem que respeite, integre e valorize as diferenças linguísticas, raciais e culturais (Silva, 2025).

Busca-se, portanto, compreender como a escola pode se tornar um território de resistência e emancipação, em que as “mãos negras surdas” não sejam vistas apenas como receptoras de conhecimento, mas como produtoras de saberes, cultura, história e transformação social. Em vista disso, buscamos colaborar para a transformação das realidades e práticas educacionais, inspirando novas formas de pensar a escola, o ensino e a aprendizagem, a partir de uma perspectiva decolonial, antirracista e verdadeiramente inclusiva (Quijano, 2005; Almeida, 2019).

3. METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, bibliográfica e documental (Godoy, 1995; Gil, 2010), tendo como foco a elaboração de um material educativo acessível em Libras. É importante distinguir o levantamento dos termos-conceito da identificação das formas sinalizadas em Libras. Os termos-conceito foram selecionados por meio da revisão bibliográfica, considerando os critérios de relevância para a educação antirracista, recorrência nas obras de referência e pertinência para a educação bilíngue de surdos, conforme apresentado no Quadro 2. Já a identificação dos sinais correspondentes ocorreu a partir do repertório linguístico e da experiência social, profissional e acadêmica do autor como pessoa negra surda, professor e pesquisador.

Esse procedimento não constituiu uma coleta de dados com participantes, uma vez que não foram realizadas entrevistas, questionários ou gravações de terceiros. Tratou-se de um levantamento experiencial das formas sinalizadas conhecidas e utilizadas pelo próprio autor. Alguns sinais foram reconhecidos em interações e espaços da comunidade negra surda dos quais o autor participa. Outros correspondem a usos recorrentes em sua atuação no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), especialmente durante bancas de heteroidentificação racial, bem como em palestras e demais atividades acadêmicas relacionadas às questões étnico-raciais.

Após essa identificação, os sinais-termos foram relacionados às definições construídas com base nas obras selecionadas, registrados em vídeo pelo próprio autor e sistematizados em uma cartilha digital produzida na plataforma Canva, contendo *links* e *QR codes*. Como não foi realizado um processo formal de validação lexical, os sinais apresentados não são considerados formas únicas, definitivas ou representativas de todas as variedades da Libras. Eles constituem uma proposta formativo-consultiva, aberta ao debate, à validação e à resignificação pela comunidade negra surda e por outros usuários da Libras.

pautado na educação antirracista e socialização de sinais-termos ligados à temática. O *corpus* foi constituído por obras acadêmicas e bibliográficas de autoras e autores antirracistas, selecionadas por sua relevância teórica para os debates sobre educação bilíngue, relações étnico-raciais, interseccionalidade, cultura surda e práticas pedagógicas emancipatórias.

A opção por uma metodologia qualitativa se justifica pela natureza complexa, contextual e identitária da problemática, que envolve experiências subjetivas, múltiplas dimensões culturais, linguísticas e sociais, e pela necessidade de captar significados, narrativas e práticas em seu contexto (Gil, 2010). Trabalhos que adotam metodologias qualitativas para

investigar a educação de surdos evidenciam a pertinência de nossa escolha. A participação de estudantes surdos na Educação Superior no Brasil é debatida em *The Participation of Deaf Students in Higher Education in Brazil: Ethnographic Insights Into the Communicative Processes Involved in Navigating Academic Literacies* (Rocha, 2024). O estudo visa compreender como alunos surdos vivem os letramentos acadêmicos em contexto universitário, considerando as práticas bilíngues de Libras e português.

Outro exemplo é o artigo “Metodologias de ensino para educandos(as) surdos(a): a perspectiva da Didática Cultural Surda” (Melo; Goulart Neto, 2023), que propõe uma didática cultural surda e utiliza pesquisa qualitativa para problematizar práticas pedagógicas tradicionais e defender a surdez como diferença cultural, não como deficiência. Também são comuns os estudos de caso bilíngues de letramento que adotam a combinação de observação participante, análise documental e intervenção pedagógica para investigar práticas de ensino voltadas para surdos.

A seleção dos termos levou em consideração a leitura das obras e verificação dos sentidos que eles representam, considerando uma articulação entre o bilinguismo de surdos e o antirracismo. Os termos foram selecionados segundo três critérios: i) relevância para a educação antirracista; ii) recorrência em obras de referência; e iii) pertinência para o contexto da educação de surdos, e sua distribuição por quantidade, autores-base, termo e justificativa de seleção encontram-se no Quadro 2:

Quadro 2 - Critérios de seleção dos termos para a construção do glossário

Quant. Termos	Autores-base	Termo	Justificativa de seleção
1	Abdias do Nascimento	Quilombismo	Foi selecionado por apresentar uma concepção política de resistência, coletividade e emancipação negra, relevante para a construção de práticas educativas antirracistas.
2	Neusa Santos Souza	Identidade negra	Foi incluído por contribuir para a compreensão da construção da identidade negra em uma sociedade marcada pelo racismo, aspecto fundamental para processos formativos críticos.
3	Beatriz Nascimento	Quilombo	Foi escolhido por compreender o quilombo como espaço de resistência, pertencimento e continuidade histórica da população negra.
4	Sueli Carneiro	Epistemicídio	Foi selecionado por evidenciar o apagamento e a deslegitimação dos saberes negros, discussão que ampara uma educação comprometida com a justiça cognitiva.
5	Conceição Evaristo	Escrevivência	Foi incluído por valorizar a experiência como fonte

			de produção de conhecimento e afirmação de narrativas historicamente silenciadas.
6	Renato Nogueira	Afroperspectiva	Foi escolhido por oferecer uma perspectiva teórica, centrada em referências africanas e afro-brasileiras, ampliando os modos de pensar a educação e o conhecimento.
7	Djamila Ribeiro	Lugar de fala	Foi selecionado por problematizar quem fala, de onde fala e em quais condições, contribuindo para reflexões sobre voz, representatividade e legitimidade discursiva.
8	Alessandra Devulsky	Colorismo	Foi incluído por permitir a compreensão das hierarquizações raciais baseadas na tonalidade da pele, tema importante para o debate sobre desigualdades inter-raciais.
9	Lélia Gonzalez	Feminismo negro	Foi escolhido por articular raça, gênero e classe, na análise das opressões, oferecendo base para uma leitura das desigualdades sociais e educacionais.
10	Silvio Almeida	Racismo estrutural	Foi selecionado por compreender o racismo como elemento constitutivo das instituições e relações sociais, indispensável para a educação antirracista.
11	Carla Akotirene	Interseccionalidade	Foi incluído por possibilitar a análise articulada entre raça, gênero, classe e outras marcas sociais, ampliando a compreensão das experiências de exclusão e resistência.
12	Erliandro Felix Silva	Preto-surdo	Foi escolhido por nomear a articulação entre identidade racial e experiência surda, dando visibilidade à condição interseccional, ainda pouco contemplada nos materiais formativos.
13	Lia Vainer Schucman	Branquitude	Foi selecionado por permitir a problematização dos privilégios racialmente produzidos e posições de poder historicamente naturalizadas.
14	Kabengele Munanga	Antirracismo	Foi incluído por oferecer base para a compreensão do enfrentamento ao racismo como prática ética, política e educacional.
15	Eduardo David de Oliveira	Ancestralidade	Foi escolhido por valorizar a memória, a herança cultural e os vínculos históricos afro-brasileiros, como elementos formativos e de afirmação identitária.

Fonte: Elaboração própria (2026).

A constituição de nosso processo analítico, bem como a produção de nosso glossário levou em conta a Análise de Conteúdo, fundamentada em Bardin (2016), para codificação aberta, axial e seletiva, para identificar categorias como: identidade negra-surda, linguagem como instrumento de poder e resistência, representatividade, práticas antirracistas, exclusão/invisibilização, currículo e materiais, formação docente, protagonismo, entre outras.

Além disso, estabelecemos reflexões críticas baseadas nas teorias decolonial, antirracistas e de direitos linguísticos, com o debate das problemáticas estruturais e históricas que atravessam raça, surdez e educação no Brasil.

É importante distinguir o levantamento dos termos-conceito da identificação das formas sinalizadas em Libras. Os termos-conceito foram selecionados por meio da revisão bibliográfica, considerando os critérios de relevância para a educação antirracista, recorrência nas obras de referência e pertinência para a educação bilíngue de surdos, conforme apresentado no Quadro 2. Já a identificação dos sinais correspondentes ocorreu a partir do repertório linguístico e da experiência social, profissional e acadêmica do autor como pessoa negra surda, professor e pesquisador.

Esse procedimento não constituiu uma coleta de dados com participantes, uma vez que não foram realizadas entrevistas, questionários ou gravações de terceiros. Tratou-se de um levantamento experiencial das formas sinalizadas conhecidas e utilizadas pelo próprio autor. Alguns sinais foram reconhecidos em interações e espaços da comunidade negra surda dos quais o autor participa; outros correspondem a usos recorrentes em sua atuação no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), especialmente durante bancas de heteroidentificação racial, bem como em palestras e demais atividades acadêmicas relacionadas às questões étnico-raciais.

Após essa identificação, os sinais-termos foram relacionados às definições construídas com base nas obras selecionadas, registrados em vídeo pelo próprio autor e sistematizados em uma cartilha digital produzida na plataforma Canva², contendo *links* e *QR codes*. Como não foi realizado um processo formal de validação lexical, os sinais apresentados não são considerados formas únicas, definitivas ou representativas de todas as variedades da Libras. Eles constituem uma proposta formativo-consultiva, aberta ao debate, à validação e à resignificação pela comunidade negra surda e por outros usuários da Libras.

² Disponível em: <https://www.canva.com/templates>. Acesso em: 08 mar. 2026.

4. ANÁLISE E SISTEMATIZAÇÃO DOS SINAIS-TERMOS PARA A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM LIBRAS

A presente seção apresenta a análise e a sistematização dos sinais-terms selecionados para a construção do glossário formativo-consultivo em Libras, tomando como base os conceitos identificados em obras de autoras e autores vinculados ao pensamento antirracista, aos estudos sobre relações étnico-raciais, à interseccionalidade, à decolonialidade e à educação bilíngue de surdos. A sistematização buscou articular cada termo a uma referência teórica, a uma definição acessível e a uma possibilidade de uso pedagógico, de modo que o glossário se configure como um material de formação, consulta e intervenção educativa.

O processo de seleção dos termos considerou sua relevância para a compreensão das experiências negras surdas no espaço escolar, bem como seu potencial para ampliar práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da Libras, cultura surda, negritude, ancestralidade e justiça social. Nesse sentido, os termos selecionados permitem problematizar ausências históricas nos currículos, nos materiais didáticos e nas práticas escolares, ao mesmo tempo em que oferecem possibilidades de construção de uma educação bilíngue atravessada por uma perspectiva antirracista e emancipatória.

O Quadro 3 apresenta os termos que compõem o material, bem como, seus autores de referência e a definição básica para a pesquisa.

Quadro 3 - Termos, autores de referência e definições do glossário

Quant.	Termo	Referência	Definição
1	Quilombismo	Abdias Nascimento (2019)	Ideia política criada por Abdias do Nascimento que defende organização, resistência, união e valorização da população negra.
2	Identidade negra	Souza (2021)	Processo de reconhecimento, valorização e afirmação de si como pessoa negra em uma sociedade marcada pelo racismo.
3	Quilombo	Beatriz Nascimento (2018)	Espaço de resistência da população negra, ligado à luta, à memória, ao pertencimento e à organização coletiva.
4	Epistemicídio	Carneiro (2023)	Apagamento, desvalorização ou destruição dos conhecimentos produzidos por povos negros e outros grupos historicamente oprimidos.
5	Escrevivência	Evaristo (2020)	Escrita baseada na experiência vivida, especialmente de mulheres negras, transformando vida, memória e luta em conhecimento.
6	Afroperspectiva	Nogueira (2011)	Forma de pensar o mundo a partir de referências africanas e afro-brasileiras, valorizando outros modos de conhecer e existir.

7	Lugar de fala	Ribeiro (2019)	Compreensão de que toda fala parte de uma experiência social e histórica, e que isso influencia quem pode falar e ser ouvido.
8	Colorismo	Devulsky (2021)	Diferenciação e desigualdade entre pessoas negras com base na tonalidade da pele, gerando privilégios e discriminações internas.
9	Feminismo e Feminismo negro	Gonzalez (2020)	Pensamento e luta política de mulheres negras contra opressões de raça, gênero e classe.
10	Racismo estrutural	Almeida (2019)	Forma de racismo que está presente na organização da sociedade, nas instituições e nas relações sociais, não se tratando apenas uma atitude individual.
11	Interseccionalidade	Akotirene (2019)	Análise das opressões de forma articulada, mostrando como raça, gênero, classe e outras marcas sociais se cruzam.
12	Preto-surdo	Silva (2025)	Identidade de pessoas que vivem ao mesmo tempo a experiência de ser negra e surda, articulando raça, surdez e cultura.
13	Branquitude	Schucman (2020)	Posição social de privilégio associada às pessoas brancas em uma sociedade estruturada pelo racismo.
14	Antirracismo	Munanga (2005)	Prática de enfrentamento ao racismo por meio de ações, reflexões e mudanças sociais, educacionais e políticas.
15	Ancestralidade	Oliveira (2021)	Ligação com a memória, a herança cultural, os saberes e a história dos povos que vieram antes de nós.

Fonte: Elaboração própria (2026).

A organização do material partiu da sistematização dos 15 termos selecionados para a construção do glossário, conforme apresentado no Quadro 3. Cada termo foi associado a uma autora ou autor de referência, bem como a uma definição acessível, com o objetivo de aproximar conceitos do campo antirracista do contexto da educação bilíngue de surdos. Dessa forma, a proposta buscou construir um recurso formativo que articulasse linguagem, identidade, cultura surda, negritude e práticas pedagógicas antirracistas.

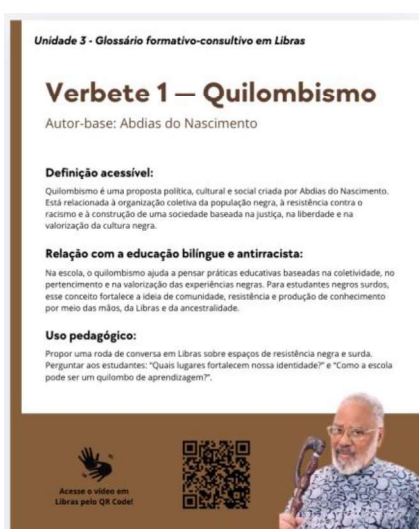
A Figura 1 mostra a capa do recurso formativo intitulado “Mãos que Sinalizam Resistência: Glossário Antirracista em Libras³”.

³ A versão em PDF do material construído encontra-se no link: https://drive.google.com/drive/folders/1C2ZMzf7jFMe46Z_57WH40VX0ein2DAUF. Acesso em: 24 mai. 2026.

Figura 1 - Capa do recurso formativo

Fonte: Elaboração própria (2026).

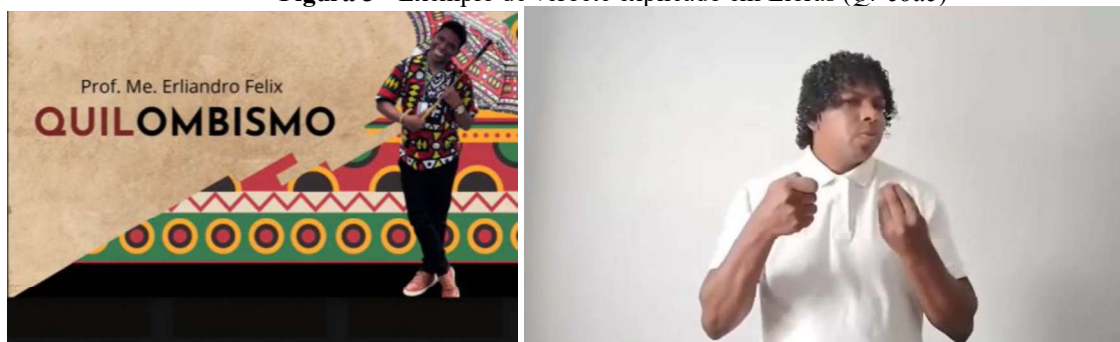
O glossário foi estruturado em formato de cartilha digital, com caráter formativo-consultivo. A escolha por esse formato ocorreu pela possibilidade de reunir, em um mesmo material, textos explicativos, imagens, *QR codes*, *links* e vídeos em Libras. Assim, cada verbete apresenta uma organização comum: termo em português escrito, autora ou autor-base, definição acessível, relação com a educação bilíngue e antirracista, sugestão de uso pedagógico e espaço para acesso ao vídeo em Libras (Figura 2). Essa estrutura favorece tanto a consulta pontual dos sinais-termos quanto o uso do material em processos de formação docente, aulas, rodas de conversa e projetos pedagógicos.

Figura 2 - Exemplo de organização de verbete (quilombismo)

Fonte: Elaboração própria (2026).

A presença dos vídeos em Libras constitui uma dimensão central do material, pois garante que os conceitos não sejam apresentados apenas em língua portuguesa escrita. Assim, a produção dos vídeos pelo próprio autor, com a sinalização dos termos, buscou ampliar a acessibilidade linguística e valorizar a Libras como língua de produção e circulação de conhecimento (Figura 3). Além disso, a inserção de *QR codes* e *links* permite que o leitor transite entre o texto escrito e a modalidade visual-gestual, fortalecendo o caráter bilíngue da proposta.

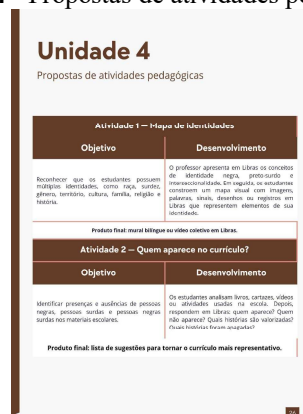
Figura 3 - Exemplo de verbete explicado em Libras (*Qr code*)



Fonte: Elaboração própria (2026).

Outro aspecto importante da organização do glossário refere-se à dimensão pedagógica de cada verbete. Além da definição conceitual, o material apresenta orientações de uso em sala de aula, indicando possibilidades de rodas de conversa, análise de materiais didáticos, produção de narrativas em Libras, construção de murais, vídeos e debates sobre identidade, pertencimento, racismo, representatividade e ancestralidade (Figura 4). Com isso, o glossário oferece caminhos para que professoras, professores, intérpretes, equipes pedagógicas e estudantes possam mobilizá-los em práticas educativas concretas.

Figura 4 - Propostas de atividades pedagógicas



Fonte: Elaboração própria (2026).

Nesse sentido, a cartilha foi organizada para funcionar como um instrumento de apoio à formação e à intervenção pedagógica. Ao articular termos como quilombismo, identidade negra, epistemicídio, escrevivência, lugar de fala, racismo estrutural, interseccionalidade, branquitude, antirracismo, ancestralidade e preto-surdo, o material contribui para ampliar o repertório conceitual e linguístico sobre as relações étnico-raciais em Libras. Essa organização reafirma a necessidade de produzir materiais didáticos que não apenas garantam acessibilidade comunicacional, mas também enfrentem o apagamento de saberes negros e surdos no currículo escolar (Carneiro, 2023; Almeida, 2019; Quadros, 2019; Collins, 2015; 2021).

A estrutura do glossário evidencia que a educação bilíngue antirracista precisa ser compreendida como prática política, cultural e pedagógica. Ao reunir autores de referência, definições acessíveis, vídeos em Libras e propostas de uso pedagógico, o material busca contribuir para a valorização das experiências negras surdas e a construção de práticas escolares mais inclusivas, críticas e socialmente comprometidas. Assim, o glossário é um produto educacional aberto ao uso, à reflexão e à ampliação, considerando que a Libras é uma língua viva e que os sinais-termos podem ser debatidos, validados e ressignificados pela própria comunidade surda.

Com base no percurso desenvolvido, foi possível sistematizar os principais resultados e produtos da pesquisa, conforme apresentado no Quadro 4:

Quadro 4 - Síntese dos resultados e produtos da pesquisa

Resultado	Detalhamento
Levantamento de termos-conceito sobre educação antirracista	Identificação, em obras de autoras e autores antirracistas, de termos e conceitos fundamentais para a discussão da educação antirracista em interface com a educação de surdos.
Sistematização conceitual dos termos selecionados	Organização analítica dos termos escolhidos, com base em seus sentidos teóricos, relevância educacional e potencial formativo no contexto bilíngue.
Produção de sinais-termos em Libras	Elaboração e registro, em vídeo, de sinais-termos correspondentes aos conceitos selecionados, com finalidade formativa e consultiva.
Construção de cartilha digital acessível	Produção de uma cartilha no <i>Canva</i> contendo os termos, breve explicação em português escrito, <i>link</i> de acesso aos vídeos e <i>QR codes</i> correspondentes.
Elaboração de material bilíngue de apoio pedagógico	Disponibilização de um recurso que possa subsidiar práticas educativas, processos de estudo e formação no campo da educação antirracista em Libras.
Contribuição para o debate acadêmico	Fortalecimento das discussões sobre educação de surdos, Libras, negritude e antirracismo, a partir da articulação entre

	produção teórica e material didático acessível.
Valorização da representatividade negro-surda	Ampliação da visibilidade de referências, conceitos e produções ligadas à experiência negra e surda no campo educacional.

Fonte: Elaboração própria (2026).

A síntese apresentada no Quadro 4 permite observar que os resultados da pesquisa envolvem um percurso de construção teórico-metodológica que articula levantamento conceitual, sistematização dos termos, produção em Libras e organização pedagógica do material. Desse modo, o glossário formativo-consultivo configura-se como resultado de uma proposta que busca aproximar o debate antirracista da educação bilíngue de surdos, considerando a necessidade de ampliar o acesso, em Libras e em português escrito, a conceitos fundamentais para a compreensão das relações étnico-raciais no contexto escolar (Munanga, 2005; Almeida, 2019; Carneiro, 2023; Silva, 2025). A organização dos termos, associada aos autores de referência e às possibilidades de uso pedagógico, evidencia que a cartilha foi pensada tanto como instrumento de consulta quanto como recurso de formação.

Além disso, a produção do material aponta para a importância de reconhecer as pessoas negras surdas como sujeitos de linguagem, cultura, identidade e conhecimento (Freire, 2019; 2020; Quadros, 2019; Silva, 2025; Paula *et al.*, 2023). Ao reunir conceitos como racismo estrutural, interseccionalidade, epistemicídio, branquitude, quilombismo, ancestralidade e preto-surdo, a pesquisa contribui para enfrentar lacunas ainda presentes nos materiais didáticos e nas práticas escolares, especialmente no que se refere à representatividade negro-surda. Assim, o glossário reafirma que uma educação bilíngue de surdos comprometida com a equidade precisa incorporar uma perspectiva crítica, antirracista e interseccional, capaz de valorizar as experiências, os saberes e as resistências das mãos negras surdas no espaço educacional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao articular os campos da educação bilíngue de surdos, da educação antirracista e dos estudos sobre identidade e cultura negra, nossa pesquisa ultrapassa as abordagens tradicionais e propõe um olhar interseccional e socialmente comprometido com os processos educativos vivenciados por pessoas pretas-surdas no contexto brasileiro. O bilinguismo e o antirracismo, revelam-se diferenciais teóricos e metodológicos que contribuem para a ampliação das discussões sobre inclusão. A inclusão não pode ser reduzida a adaptações linguísticas ou técnicas, mas deve envolver o reconhecimento das identidades, das vivências e dos contextos culturais dos estudantes.

Além de dialogar com avanços legislativos, como a institucionalização da educação bilíngue de surdos, defendemos a efetivação dessas políticas, que dependem de práticas pedagógicas críticas, antirracistas e interculturais. Nossos resultados apontam que, sem formação docente adequada, produção de materiais acessíveis e valorização da história e da cultura negra, corre-se o risco de reproduzir modelos excludentes sob um discurso aparentemente inclusivo. Neste sentido, a pesquisa assume também um caráter de denúncia e proposição, tal como nos lembra Paulo Freire, pois evidencia lacunas e sugere caminhos para sua superação.

Esperamos que os resultados deste estudo, sobretudo quanto ao material formativo criado, contribuam tanto para o fortalecimento do campo científico quanto para a qualificação das práticas educacionais voltadas às pessoas surdas, especialmente aquelas pretas, historicamente invisibilizadas nas políticas públicas e na produção acadêmica. Ao trazer à tona as experiências e os desafios vivenciados por esse grupo social, o trabalho busca promover maior representatividade, equidade e justiça educacional, incentivando escolas, universidades e formuladores de políticas a repensarem suas práticas pedagógicas, sob uma perspectiva verdadeiramente inclusiva e antirracista.

Por fim, reafirmamos que uma educação comprometida com a diversidade não pode se eximir do enfrentamento ao racismo, nem da valorização das línguas de sinais, das culturas surdas e das múltiplas identidades que compõem o tecido social brasileiro. Assim, tencionamos a ampliação do debate acadêmico, na busca por ferramentas de transformação social, colaborando para a construção de uma educação mais humana, plural e efetivamente democrática. Esperamos que nossa iniciativa inspire outros materiais formativos, em vista da carência destes, visando uma educação mais comprometida, sensível e, por consequência, inclusiva.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. (Coleção Feminismos Plurais).

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 28 mai. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 28 mai. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 21 jul. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1. Acesso em: 21 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 24 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2021.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. A volta do termo surdos-mudos: sob uma perspectiva cultural e de identidade. **Fragmentum**, Santa Maria, v. 55, p. 69-95, jan./jun. 2020. DOI: 10.5902/2179219442434.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought**: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. New York: Routledge, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. **Intersectionality as Critical Social Theory**. Cambridge: Polity Press, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics.** University of Chicago Legal Forum, v. 1989, p. 139-167, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

CUNHA, Silvia Helena Muniz da; SANTOS, Raquel Pereira dos. Educação bilíngue para surdos: desafios e perspectivas no contexto pedagógico. **Littera: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, v. 16, n. 31, nov. 2025. Periódicos Eletrônicos UFMA.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo.** São Paulo: Jandaíra, 2021.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In.: DUARTE, Constância Lima (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 49-54.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, SP, 35(2), 57-63, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 jul. 2025.

GOMIDES, Paula Aparecida Diniz *et al.* Surdez, educação de surdos e bilinguismo: avanços e contradições na implantação da Lei 14.191/2021. **Revista Sinalizar**, v. 7, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES JÚNIOR, José Carlos *et al.* Bilingual education for the deaf in Brazil in the context of basic education: a bibliometric study based on stricto sensu research (2017–2021). **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, 2022.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola.** 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição.** Diáspora Africana: Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NOGUEIRA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa, v. 4, n. 2, p. 1-19, 2011.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **A ancestralidade na encruzilhada**. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2021.

PAULA, Wellington Santos de *et al.* Perspectiva decolonial: um olhar sobre a negritude e a surdez. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 397–413, 2023. DOI: 10.17564/2316-3801.2023v10n1p397-413. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/11379>. Acesso em: 8 mar. 2026.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas e educação: o olhar surdo sobre a cultura e a diferença. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 93–105, 2013

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In.*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

REIS, Dilinea dos Santos *et al.* Ensino bilíngue de surdos e desenvolvimento cognitivo: neuropsicopedagogia no desenvolvimento da aprendizagem. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 424–442, 2025. DOI: 10.17564/2316-3801.2025v12n3p424-442. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/12931>. Acesso em: 8 mar. 2026.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

SANTOS, Warley Almeida; FÉLIX, Erliandro Felix. A Gramática da bicha surda: corpo, gesto e resistência. **Revista Ciência em Evidência**, [S. l.], p. e026001, 2026. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/cienciaevidencia/article/view/2830>. Acesso em: 8 mar. 2026.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: Veneta, 2020.

SILVA, Rute Barboza da; AGUIAR, João Vitor Lemos. Educação bilíngue para surdos na perspectiva dos estudos interculturais: possibilidades que incluem. **Revista Faculdade FAMEN (REFFEN)**, v. 6, n. 3, 2025.

SILVA, Erliandro Felix; BARBOSA, Rosa Amélia; ROCHA, Luiz Renato Martins da. Educação bilíngue de pessoas negras-surdas: interseccionalidade, decolonialidade e emancipação linguística. **Revista Educação e Emancipação**, v. 18, p. e–23908, 2025. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/23908>. Acesso em: 8 mar 2026.

SILVA, Erliandro Felix. Mais preto ou mais surdo? A interseccionalidade desconsiderada nos processos seletivos de pós-graduação. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. e16415, 2025. DOI: 10.55905/revconv.18n.3-223. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/16415>. Acesso em: 8 mar. 2026.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

STROBEL, Karin. **Surdez**: identidade e diferença. Porto Alegre: Mediação, 2008.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE A - “MÃOS QUE SINALIZAM RESISTÊNCIA: GLOSSÁRIO ANTIRRACISTA EM LIBRAS”



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA BILÍNGUE (LIBRAS/PORTUGUÊS)

AUTOR: ERLIANDRO FELIX SILVA

ORIENTADORA: PROFª DRA. ANA REGINA E SOUZA CAMPELLO

MÃOS QUE SINALIZAM RESISTÊNCIA:

GLOSSÁRIO ANTIRRACISTA EM LIBRAS

MATERIAL FORMATIVO-CONSULTIVO

RIO DE JANEIRO - RJ

2026

Sumário

1	Sobre os autores	1
2	Apresentação	2
3	Informações técnicas	3
4	Unidade 1 – Educação bilíngue, surdez e antirracismo	4
5	Unidade 2 – Autoras e autores de referência do glossário	5
6	Unidade 3 – Glossário formativo-consultivo em Libras	9
7	Glossário resumido	9
8	Verbetes	11
9	Unidade 4 – Propostas de atividades pedagógicas	26
10	Perguntas disparadoras para rodas de conversa	31
11	Unidade 5 – Considerações finais	32
12	Referências	33

Sobre os autores



Erliandro Felix Silva

Erliandro Felix Silva é docente de Letras/Linguística e Libras na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e doutorando em Ciências Humanas e Sociais pela UFABC. Possui mestrados em Linguística Aplicada e em Educação Profissional e Tecnológica, além de formação em Letras-Libras, Letras Português/Inglês e especializações voltadas à educação de surdos, Língua Portuguesa para surdos, informática na educação e interculturalidade. Tem experiência em ensino, pesquisa e extensão na área da educação bilíngue de surdos, com atuação em Libras, literatura surda, acessibilidade, letramento étnico-racial, interseccionalidade, decolonialidade, produção de glossários Libras-Português e elaboração de materiais didáticos.

Ana Regina e Souza Campello

Ana Regina e Souza Campello é professora associada do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), doutora em Educação pela UFSC, com período sanduíche na Gallaudet University, pós-doutorado pela Universidade Federal do Tocantins e mestrado em Linguística em andamento pela UFSC. Possui formação em Pedagogia e Biblioteconomia, além de ampla trajetória acadêmica, política e institucional na área da educação de surdos, Libras, pedagogia visual, educação bilíngue, estudos surdos, tradução e interpretação de línguas de sinais e formação de professores. Atua como pesquisadora e docente em programas de pós-graduação, coordena o GT Libras da ABRALIN, é vice-coordenadora do GT Libras da ANPOLL e participa de associações e grupos ligados à comunidade surda.



Apresentação

A presente cartilha constitui um material formativo-consultivo voltado à educação bilíngue de pessoas surdas em diálogo com a educação antirracista. Sua elaboração nasce da necessidade de ampliar o acesso, em Libras e em português escrito, a conceitos fundamentais para o enfrentamento do racismo e para a valorização das identidades negras no espaço escolar.

O material reúne sinais-termos relacionados à negritude, à resistência, à ancestralidade, à representatividade e à justiça social. Cada verbete apresenta uma explicação acessível, a referência teórica que fundamenta o conceito, uma proposta de uso pedagógico e espaço para inserção de vídeo em Libras por meio de *link* e *QR code*.

A proposta parte do entendimento de que a educação de pessoas surdas não pode ser reduzida à acessibilidade linguística. Embora a Libras seja central para a garantia do direito à aprendizagem, é necessário reconhecer que os sujeitos surdos também são atravessados por raça, classe, gênero, território, cultura e história. No caso das pessoas negras surdas, essas dimensões evidenciam experiências específicas de invisibilização, marcadas pelo racismo, capacitismo e ausência de representatividade nos currículos e materiais didáticos.

Nesse sentido, esta cartilha busca contribuir para práticas pedagógicas mais críticas, acessíveis e socialmente comprometidas. Assim, o glossário propõe um percurso de reflexão sobre a escola como espaço de pertencimento, produção de conhecimento, valorização da diferença e construção de equidade.

Prezado professor, ao reconhecer as mãos negras surdas como produtoras de saberes, este material reafirma a importância de uma educação bilíngue de surdos que também seja antirracista, intercultural e emancipatória.

Espero que nossa ação inspire novas práticas pedagógicas mais inclusivas e humanas!

Os autores.

Informações Técnicas

Objetivo do material

Contribuir para a formação de educadores e demais sujeitos envolvidos com a educação de surdos, por meio da apresentação de sinais-termos em Libras relacionados à educação antirracista, favorecendo práticas bilíngues, críticas e inclusivas.

Objetivos específicos

1. Apresentar conceitos fundamentais da educação antirracista em linguagem acessível.
2. Registrar sinais-termos em Libras relacionados à negritude, à identidade, à resistência e à justiça social.
3. Apoiar práticas pedagógicas bilíngues que valorizem estudantes negros surdos.
4. Fortalecer a representatividade negro-surda nos materiais didáticos.
5. Estimular reflexões sobre racismo, capacitismo, interseccionalidade e educação.

Público-alvo

Este material pode ser utilizado por:

- professoras e professores da educação básica;
- docentes da educação bilíngue de surdos;
- estudantes surdos e ouvintes;
- intérpretes e tradutores de Libras;
- equipes pedagógicas;
- pesquisadores da área da educação;
- famílias de estudantes surdos;
- movimentos sociais e coletivos educacionais.

Como utilizar esta cartilha

Cada verbete apresenta:

1. Termo em português escrito;
2. Autor ou autora de referência;
3. Definição acessível;
4. Relação com a educação bilíngue e antirracista;
5. Orientação para uso pedagógico;
6. Espaço para QR code do vídeo em Libras;
7. Link do vídeo em Libras.

Sugere-se que o material seja utilizado em momentos de estudo, formação docente, planejamento pedagógico, rodas de conversa, aulas bilíngues, projetos sobre relações étnico-raciais e atividades de valorização da cultura negra e da cultura surda.

Unidade 1

Educação bilíngue, surdez e antirracismo

1.1 Por que falar de antirracismo na educação de surdos?

A educação de surdos costuma ser discutida principalmente a partir da Libras, da acessibilidade, da presença de intérpretes e das metodologias bilíngues. Esses elementos são fundamentais, mas não são suficientes para compreender todas as experiências dos estudantes surdos. Estudantes surdos também possuem raça, gênero, classe social, território, religião, história familiar, cultura e identidade.

Por isso, uma educação verdadeiramente bilíngue precisa reconhecer que a comunidade surda não é homogênea. Quando uma pessoa é negra e surda, sua trajetória escolar pode ser marcada por diferentes formas de exclusão, como as barreiras de comunicação, racismo, ausência de representatividade, apagamento da cultura negra, baixa expectativa sobre sua aprendizagem e invisibilização de suas experiências. Então, uma educação bilíngue antirracista deve garantir o direito à Libras e, ao mesmo tempo, enfrentar o racismo presente no currículo, nas práticas pedagógicas, nas relações escolares e nos materiais didáticos.

1.2 O que é uma prática pedagógica bilíngue e antirracista?

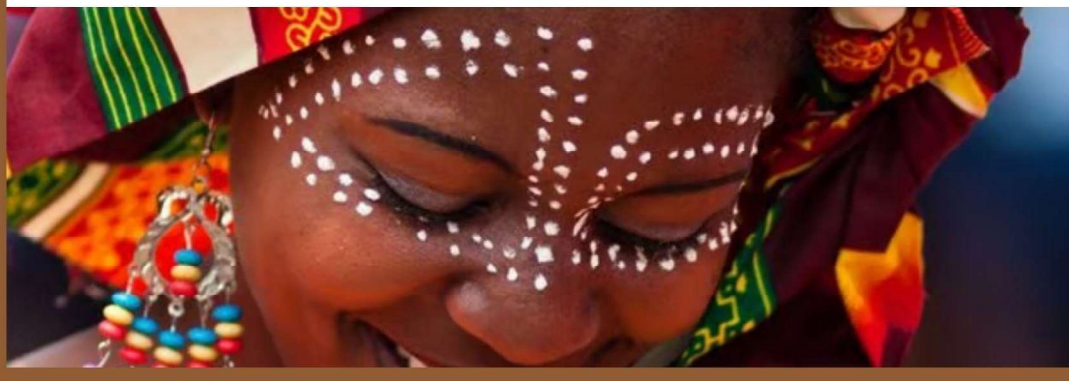
É uma prática que reconhece a Libras como língua de instrução, valoriza a cultura surda, respeita o português escrito como segunda língua e incorpora a história, a cultura, os saberes e as experiências da população negra.

Uma prática bilíngue e antirracista:

- valoriza estudantes negros surdos como sujeitos de conhecimento;
- utiliza Libras no processo educativo;
- combate estereótipos raciais e capacitistas;
- inclui autores e autoras negras no currículo;
- promove representatividade positiva;
- discute racismo estrutural, identidade, pertencimento e direitos;
- reconhece que acessibilidade linguística e justiça racial devem caminhar juntas.

Unidade 2

Autoras e autores de referência do glossário



Esta unidade apresenta, de forma breve, as autoras e os autores que fundamentam os sinais-termos selecionados para o glossário antirracista em Libras. Suas trajetórias contribuem para compreender temas como identidade negra, quilombismo, ancestralidade, racismo estrutural, epistemicídio, interseccionalidade, feminismo negro, branquitude e experiência preto-surda. Esses referenciais ajudam a construir uma educação bilíngue que reconhece a Libras, a cultura surda, a negritude e a luta contra o racismo como dimensões inseparáveis da formação humana. A seleção segue os autores-base já organizados no glossário do trabalho.

Abdias do Nascimento

Abdias do Nascimento foi intelectual, artista, professor, político e militante do movimento negro brasileiro. Sua trajetória foi marcada pela defesa dos direitos da população negra e pela valorização das culturas africanas e afro-brasileiras. No glossário, contribui com o conceito de quilombismo, entendido como proposta de resistência, organização coletiva e emancipação negra.

Neusa Santos Souza

Neusa Santos Souza foi psiquiatra, psicanalista e intelectual brasileira. Sua obra contribui para pensar os efeitos do racismo na construção subjetiva da pessoa negra. No glossário, fundamenta o termo identidade negra, ajudando a compreender o processo de reconhecimento, valorização e afirmação de si em uma sociedade marcada por desigualdades raciais.

Unidade 2 - Autoras e autores de referência do glossário

Beatriz Nascimento

Beatriz Nascimento foi historiadora, pesquisadora, professora e intelectual negra brasileira. Sua produção destacou a importância dos quilombos como espaços de memória, resistência, território e continuidade histórica. No glossário, contribui com o termo quilombo, compreendido como referência viva de pertencimento e luta coletiva.

Sueli Carneiro

Sueli Carneiro é filósofa, escritora e uma das principais intelectuais do feminismo negro brasileiro. Sua trajetória é marcada pela denúncia do racismo, sexismo e exclusão dos saberes negros. No glossário, fundamenta o conceito de epistemicídio, que se refere ao apagamento e à desvalorização dos conhecimentos produzidos por povos negros e outros grupos historicamente oprimidos.

Conceição Evaristo

Conceição Evaristo é escritora, professora e pesquisadora brasileira. Sua obra literária e intelectual valoriza as experiências, memórias e narrativas de mulheres negras. No glossário, contribui com o conceito de escrevivência, que compreende a escrita e a produção de conhecimento a partir da vida, da memória, corpo e experiência vivida.

Renato Nogueira

Renato Nogueira é filósofo, professor e pesquisador brasileiro. Seus estudos valorizam filosofias africanas, afro-brasileiras e indígenas, questionando a centralidade de perspectivas eurocêntricas na produção do conhecimento. No glossário, fundamenta o termo afroperspectiva, que propõe pensar o mundo a partir de referências africanas e afro-brasileiras.

Djamila Ribeiro

Djamila Ribeiro é filósofa, escritora e pesquisadora brasileira. Sua trajetória está ligada à divulgação de debates sobre feminismo negro, racismo, desigualdade e produção de conhecimento. No glossário, contribui com o conceito de lugar de fala, que ajuda a compreender que toda pessoa fala a partir de uma posição social, histórica e cultural.

Alessandra Devulsky

Alessandra Devulsky é pesquisadora, professora e jurista. Sua produção contribui para o debate sobre desigualdades raciais e hierarquias de cor no Brasil. No glossário, fundamenta o conceito de colorismo, que permite compreender como a tonalidade da pele pode produzir diferentes formas de discriminação e privilégio entre pessoas negras.

Unidade 2 - Autoras e autores de referência do glossário

Lélia Gonzalez

Lélia Gonzalez foi intelectual, professora, antropóloga, filósofa e militante negra brasileira. Sua trajetória foi fundamental para o pensamento feminista negro e para a valorização das experiências de mulheres negras na América Latina. No glossário, contribui com o termo feminismo negro, que articula raça, gênero, classe e luta política contra as desigualdades.

Silvio Almeida

Silvio Almeida é jurista, filósofo, professor e escritor brasileiro. Sua obra tem grande influência nos debates sobre racismo no Brasil contemporâneo. No glossário, fundamenta o conceito de racismo estrutural, que compreende o racismo como parte da organização da sociedade, das instituições e das relações sociais.

Carla Akotirene

Carla Akotirene é pesquisadora, assistente social e intelectual brasileira. Sua produção fortalece os debates sobre feminismo negro, colonialidade e desigualdades sociais. No glossário, contribui com o conceito de interseccionalidade, que analisa como raça, gênero, classe, deficiência, território e outras marcas sociais se cruzam nas experiências de opressão e resistência.

Erliandro Felix Silva

Erliandro Felix Silva é pesquisador da educação de surdos e autor deste material. Sua produção discute a articulação entre surdez, negritude, identidade, Libras e educação antirracista. No glossário, fundamenta o termo preto-surdo, que dá visibilidade às pessoas que vivem simultaneamente a experiência de ser negra e surda.

Lia Vainer Schucman

Lia Vainer Schucman é pesquisadora, psicóloga e professora brasileira. Seus estudos analisam relações raciais, identidade branca e privilégios produzidos pelo racismo. No glossário, contribui com o conceito de branquitude, que permite compreender como pessoas brancas ocupam posições sociais de privilégio em uma sociedade estruturada racialmente.

Kabengele Munanga

Kabengele Munanga é antropólogo, professor e intelectual congolês radicado no Brasil. Sua trajetória é marcada por importantes contribuições aos estudos sobre relações raciais, população negra, identidade e educação antirracista. No glossário, fundamenta o termo antirracismo, entendido como prática ativa de enfrentamento ao racismo nas relações sociais, políticas e educacionais.

Unidade 2 - Autoras e autores de referência do glossário

Silvio Almeida

Silvio Almeida é jurista, filósofo, professor e escritor brasileiro. Sua obra tem grande influência nos debates sobre racismo no Brasil contemporâneo. No glossário, fundamenta o conceito de racismo estrutural, que compreende o racismo como parte da organização da sociedade, das instituições e das relações sociais.

Eduardo David de Oliveira

Eduardo David de Oliveira é filósofo, professor e pesquisador brasileiro. Seus estudos abordam filosofia africana, cultura afro-brasileira, ancestralidade e educação. No glossário, contribui com o conceito de ancestralidade, compreendido como ligação com a memória, os saberes, a história e as heranças culturais dos povos que vieram antes de nós.

As autoras e os autores apresentados nesta unidade contribuem para ampliar o olhar sobre a educação bilíngue e antirracista. Suas obras ajudam a compreender que a escola deve valorizar a Libras, a cultura surda, as identidades negras, os saberes ancestrais e as experiências de estudantes negros surdos. Ao serem articuladas aos sinais-termos em Libras, essas referências fortalecem o glossário como material de formação, consulta e transformação pedagógica.



Unidade 3

Glossário formativo-consultivo em Libras

Glossário resumido

Nº	TERMO	REFERÊNCIA	DEFINIÇÃO
1	Quilombismo	Abdias Nascimento (2019)	Ideia política criada por Abdias do Nascimento que defende organização, resistência, união e valorização da população negra.
2	Identidade negra	Souza (2021)	Processo de reconhecimento, valorização e afirmação de si como pessoa negra em uma sociedade marcada pelo racismo.
3	Quilombo	Beatriz Nascimento (2018)	Espaço de resistência da população negra, ligado à luta, à memória, ao pertencimento e à organização coletiva.
4	Epistemicídio	Carneiro (2023)	Apagamento, desvalorização ou destruição dos conhecimentos produzidos por povos negros e outros grupos historicamente oprimidos.
5	Escrevivência	Evaristo (2020)	Escrita baseada na experiência vivida, especialmente de mulheres negras, transformando vida, memória e luta em conhecimento.
6	Afroperspectiva	Nogueira (2011)	Forma de pensar o mundo a partir de referências africanas e afro-brasileiras, valorizando outros modos de conhecer e existir.
7	Lugar de fala	Ribeiro (2019)	Compreensão de que toda fala parte de uma experiência social e histórica, e que isso influencia quem pode falar e ser ouvido.
8	Colorismo	Devulsky (2021)	Diferenciação e desigualdade entre pessoas negras com base na tonalidade da pele, gerando privilégios e discriminações internas.
9	Feminismo e feminismo negro	Gonzalez (2020)	Pensamento e luta política de mulheres negras contra opressões de raça, gênero e classe.

Continua

Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Glossário resumido

Nº	TERMO	REFERÊNCIA	DEFINIÇÃO
10	Racismo estrutural	Almeida (2019)	Forma de racismo que está presente na organização da sociedade, nas instituições e nas relações sociais, não se tratando apenas uma atitude individual.
11	Interseccionalidade	Akotirene (2019)	Análise das opressões de forma articulada, mostrando como raça, gênero, classe e outras marcas sociais se cruzam.
12	Preto-surdo	Silva (2025)	Identidade de pessoas que vivem ao mesmo tempo a experiência de ser negra e surda, articulando raça, surdez e cultura.
13	Branquitude	Schucman (2020)	Posição social de privilégio associada às pessoas brancas em uma sociedade estruturada pelo racismo.
14	Antirracismo	Munanga (2005)	Prática de enfrentamento ao racismo por meio de ações, reflexões e mudanças sociais, educacionais e políticas.
15	Ancestralidade	Oliveira (2021)	Ligação com a memória, a herança cultural, os saberes e a história dos povos que vieram antes de nós.

Final

Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbetes 1 – Quilombismo

Autor-base: Abdias do Nascimento

Definição acessível:

Quilombismo é uma proposta política, cultural e social criada por Abdias do Nascimento. Está relacionada à organização coletiva da população negra, à resistência contra o racismo e à construção de uma sociedade baseada na justiça, na liberdade e na valorização da cultura negra.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

Na escola, o quilombismo ajuda a pensar práticas educativas baseadas na coletividade, no pertencimento e na valorização das experiências negras. Para estudantes negros surdos, esse conceito fortalece a ideia de comunidade, resistência e produção de conhecimento por meio das mãos, da Libras e da ancestralidade.

Uso pedagógico:

Propor uma roda de conversa em Libras sobre espaços de resistência negra e surda. Perguntar aos estudantes: “Quais lugares fortalecem nossa identidade?” e “Como a escola pode ser um quilombo de aprendizagem?”.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbetes 2 — Identidade negra

Autora-base: Neusa Santos Souza

Definição acessível:

Identidade negra é o processo de reconhecer-se, valorizar-se e afirmar-se como pessoa negra em uma sociedade marcada pelo racismo. Esse processo envolve memória, autoestima, pertencimento, enfrentamento de estereótipos e construção de uma imagem positiva de si.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

A identidade negra de estudantes surdos precisa ser reconhecida no ambiente escolar. A escola deve oferecer referências positivas de pessoas negras e surdas, evitando que a surdez apague a raça ou que a discussão racial ignore a Libras e a cultura surda.

Uso pedagógico:

Solicitar que estudantes produzam uma apresentação em Libras sobre quem são, quais elementos fazem parte de sua identidade e quais referências negras ou surdas os inspiram.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbete 3 – Quilombo

Autora-base: Beatriz Nascimento

Definição acessível:

Quilombo é um espaço de resistência, organização coletiva, memória e pertencimento da população negra. Não se refere apenas ao passado, mas também às formas atuais de luta, comunidade e afirmação da vida negra.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

Na educação de surdos, o conceito de quilombo ajuda a pensar a escola como um território de acolhimento, proteção, aprendizagem e fortalecimento das identidades negras surdas. Uma escola bilíngue e antirracista pode funcionar como espaço de resistência contra o racismo, o capacitismo e o apagamento cultural.

Uso pedagógico:

Propor que os estudantes identifiquem, em Libras, espaços que representam pertencimento e resistência em suas vidas. Em seguida, construir coletivamente um mural ou vídeo com o tema: “Nossa escola como quilombo de aprendizagem



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbete 4 — Epistemicídio

Autora-base: Sueli Carneiro

Definição acessível:

Epistemicídio é o apagamento, a desvalorização ou a destruição dos conhecimentos produzidos por povos negros e por outros grupos historicamente oprimidos. Acontece quando a escola, a ciência ou a sociedade tratam certos saberes como inferiores ou sem importância.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

Na educação de pessoas surdas, o epistemicídio pode ocorrer quando os saberes da cultura surda, da Libras e da população negra são ignorados. Para estudantes negros surdos, esse apagamento pode ser duplo, já que seus conhecimentos podem ser desconsiderados tanto por serem negros quanto por serem surdos.

Uso pedagógico:

Analisar livros didáticos, cartazes ou materiais escolares e perguntar: “Quais autores aparecem?”, “Quais histórias são contadas?” e “Quais saberes estão ausentes?”. Registrar as respostas em Libras e em português escrito.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbetes 5 — Escrevivência

Autora-base: Conceição Evaristo

Definição acessível:

Escrevivência é a escrita que nasce da experiência vivida, da memória, do corpo, da história e da luta. O conceito valoriza narrativas de pessoas negras, especialmente mulheres negras, como formas legítimas de produção de conhecimento.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

Na educação bilíngue de surdos, a escrevivência pode inspirar produções em Libras e em português escrito, valorizando as experiências dos estudantes negros surdos. Suas histórias, sinais, memórias e trajetórias também são fontes de conhecimento.

Uso pedagógico:

Solicitar que os estudantes produzam uma narrativa em Libras sobre uma experiência importante de sua vida. Depois, com apoio pedagógico, transformar essa narrativa em texto escrito, desenho, vídeo ou apresentação coletiva.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbetes 6 – Afroperspectiva

Autora-base: Renato Nogueira

Definição acessível:

Afroperspectiva é uma forma de pensar o mundo a partir de referências africanas e afro-brasileiras. Ela valoriza modos de conhecer, ensinar, aprender e viver que foram historicamente desconsiderados pela educação eurocentrada.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

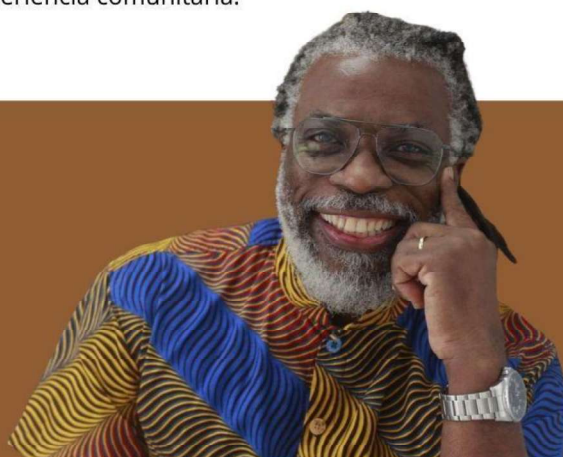
Na escola bilíngue, a afroperspectiva contribui para ampliar o currículo, incluindo saberes africanos, afro-brasileiros, surdos e visuais. Ela ajuda a romper com a ideia de que existe apenas uma forma legítima de conhecimento.

Uso pedagógico:

Apresentar aos estudantes histórias, filosofias, artistas e educadores negros. Em seguida, propor uma atividade em Libras sobre diferentes formas de aprender, pela oralidade, visualidade, corpo, memória e experiência comunitária.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbetes 7 – Lugar de fala

Autora-base: Djamila Ribeiro

Definição acessível:

Lugar de fala é a compreensão de que toda pessoa fala a partir de uma posição social, histórica e cultural. Esse conceito não significa impedir pessoas de falar, mas reconhecer que experiências diferentes produzem formas diferentes de compreender o mundo.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

Estudantes negros surdos precisam ter suas experiências reconhecidas na escola. O lugar de fala ajuda a compreender que não basta falar sobre pessoas negras surdas, pois é necessário criar condições para que elas também falem, sinalizem, sejam vistas e sejam ouvidas em Libras.

Uso pedagógico:

Promover uma roda de conversa em Libras com a pergunta: “Quem fala por nós?”. Discutir a diferença entre falar sobre alguém e construir conhecimento com esse sujeito.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbetes 8 – Colorismo

Autora-base: Alessandra Devulsky

Definição acessível:

Colorismo é a desigualdade produzida entre pessoas negras com base na tonalidade da pele. Pessoas negras de pele mais clara e pessoas negras de pele mais escura podem viver formas diferentes de discriminação e reconhecimento social.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

Na escola, o colorismo pode aparecer em imagens, apelidos, comentários, estereótipos e padrões de beleza. Em materiais para estudantes surdos, é importante representar diferentes corpos, tons de pele, cabelos, expressões e identidades negras.

Uso pedagógico:

Analisar imagens de livros, cartazes e vídeos escolares. Perguntar aos estudantes: “Quais corpos aparecem?”, “Quais tons de pele são mais representados?” e “Como podemos valorizar a diversidade da população negra?”.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbetes 9 – Feminismo e feminismo negro

Autora-base: Lélia Gonzalez

Definição acessível:

Feminismo negro é um pensamento e uma luta política de mulheres negras contra as opressões de raça, gênero, classe e outras formas de desigualdade. Ele mostra que as mulheres negras enfrentam violências específicas e também produzem conhecimentos, resistências e transformações sociais.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

Na educação de surdos, o feminismo negro ajuda a reconhecer as experiências de meninas, jovens e mulheres negras surdas. Essas estudantes podem enfrentar racismo, sexismo, capacitismo e invisibilização ao mesmo tempo.

Uso pedagógico:

Apresentar referências de mulheres negras, mulheres surdas e mulheres negras surdas. Depois, propor que os estudantes produzam biografias visuais em Libras, com imagens, sinais, textos curtos e apresentações.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbete 10 — Racismo estrutural

Autora-base: Silvio Almeida

Definição acessível:

Racismo estrutural é o racismo presente na organização da sociedade, nas instituições, nas relações sociais e nas oportunidades. Ele não se resume a atitudes individuais, pois também aparece nas leis, nas escolas, no mercado de trabalho, na cultura e nos modos de tratamento.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

Na escola, o racismo estrutural pode aparecer na ausência de autores negros, na falta de materiais acessíveis sobre cultura negra, na baixa expectativa sobre estudantes negros surdos e na naturalização de desigualdades. Uma educação bilíngue antirracista precisa identificar e enfrentar essas práticas.

Uso pedagógico:

Propor que os estudantes observem situações do cotidiano escolar e identifiquem barreiras raciais, linguísticas e culturais. Depois, construir em grupo propostas de mudança para tornar a escola mais justa e acessível.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbetes 11 – Interseccionalidade

Autora-base: Carla Akotirene

Definição acessível:

Interseccionalidade é uma forma de analisar como diferentes opressões se cruzam, como racismo, sexismo, capacitismo, desigualdade de classe e outras formas de exclusão. Ela mostra que as pessoas não vivem apenas uma identidade ou uma dificuldade isolada.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

Uma pessoa negra surda não vive apenas a experiência de ser surda, nem apenas a experiência de ser negra. Essas dimensões se articulam. Por isso, a escola precisa considerar a totalidade dos sujeitos, e não reduzi-los a uma única característica.

Uso pedagógico:

Construir um “mapa de identidades” com os estudantes, usando Libras, imagens e palavras. A atividade deve valorizar pertencimentos sem expor experiências pessoais dolorosas de forma obrigatória.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbete 12 — Preto-surdo

Autora-base: Erliandro Felix Silva

Definição acessível:

Preto-surdo é uma identidade que articula a experiência de ser pessoa negra e pessoa surda. O termo dá visibilidade a sujeitos que vivenciam, ao mesmo tempo, questões relacionadas à raça, à surdez, à Libras, à cultura surda e às desigualdades sociais.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

Esse conceito é central para compreender que a comunidade surda não é homogênea. Pessoas pretas-surdas precisam ser reconhecidas em suas especificidades, sem que a surdez apague a raça e sem que o debate racial ignore a Libras.

Uso pedagógico:

Realizar uma atividade sobre representatividade negro-surda. Os estudantes podem pesquisar referências, produzir vídeos em Libras, construir cartazes e discutir a pergunta: “O que significa existir como pessoa preta-surda na escola e na sociedade?”.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbete 13 – Branquitude

Autora-base: Lia Vainer Schucman

Definição acessível:

Branquitude é a posição social de privilégio ocupada por pessoas brancas em uma sociedade marcada pelo racismo. Ela envolve vantagens, normas, padrões e poderes que muitas vezes são tratados como naturais.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

Na escola, a branquitude pode aparecer quando pessoas brancas, histórias brancas e padrões brancos são colocados como centro do currículo. Na educação de surdos, também é necessário observar se as referências visuais, culturais e acadêmicas valorizam apenas determinados corpos e experiências.

Uso pedagógico:

Analisar materiais escolares e perguntar: “Quem aparece como exemplo?”, “Quem é tratado como padrão?” e “Quais corpos, línguas e histórias ficam invisíveis?”. Registrar a discussão em Libras e em português escrito.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbetes 14 – Antirracismo

Autora-base: Kabengele Munanga

Definição acessível:

Antirracismo é a prática de enfrentar o racismo por meio de atitudes, reflexões, políticas, ações pedagógicas e mudanças sociais. Ser antirracista significa não apenas rejeitar o racismo, mas agir para combatê-lo.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

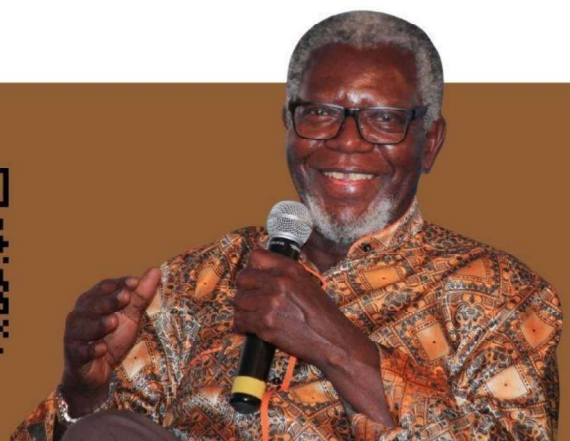
Uma escola bilíngue antirracista garante a Libras como língua de instrução e, ao mesmo tempo, inclui a história, a cultura e os saberes da população negra no currículo. A acessibilidade linguística e a justiça racial devem caminhar juntas.

Uso pedagógico:

Criar uma campanha em Libras contra o racismo na escola. Os estudantes podem produzir vídeos curtos, cartazes bilíngues, rodas de conversa e propostas de ações para a comunidade escolar.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 3 - Glossário formativo-consultivo em Libras

Verbetes 15 – Ancestralidade

Autora-base: Eduardo David de Oliveira

Definição acessível:

Ancestralidade é a ligação com a memória, a história, os saberes, os corpos, as culturas e as pessoas que vieram antes de nós. Ela fortalece o pertencimento e ajuda a compreender que cada sujeito carrega heranças familiares, comunitárias e culturais.

Relação com a educação bilíngue e antirracista:

Para estudantes negros surdos, a ancestralidade pode ser trabalhada por meio da Libras, da memória visual, das histórias familiares, da cultura negra e da cultura surda. O corpo que sinaliza também pode expressar memória, identidade e resistência.

Uso pedagógico:

Propor que os estudantes construam uma linha do tempo de suas referências familiares, culturais ou comunitárias. A apresentação pode ser feita em Libras, com imagens, desenhos, sinais, objetos de memória e pequenos textos.



Acesse o vídeo em
Libras pelo QR Code!



Unidade 4

Propostas de atividades pedagógicas

Atividade 1 – Mapa de identidades

Objetivo	Desenvolvimento
Reconhecer que os estudantes possuem múltiplas identidades, como raça, surdez, gênero, território, cultura, família, religião e história.	O professor apresenta em Libras os conceitos de identidade negra, preto-surdo e interseccionalidade. Em seguida, os estudantes constroem um mapa visual com imagens, palavras, sinais, desenhos ou registros em Libras que representem elementos de sua identidade.

Produto final: mural bilíngue ou vídeo coletivo em Libras.

Atividade 2 – Quem aparece no currículo?

Objetivo	Desenvolvimento
Identificar presenças e ausências de pessoas negras, pessoas surdas e pessoas negras surdas nos materiais escolares.	Os estudantes analisam livros, cartazes, vídeos ou atividades usadas na escola. Depois, respondem em Libras: quem aparece? Quem não aparece? Quais histórias são valorizadas? Quais histórias foram apagadas?

Produto final: lista de sugestões para tornar o currículo mais representativo.

Unidade 4 - Propostas de atividades pedagógicas

Atividade 3 — Escola como quilombo de aprendizagem

Objetivo	Desenvolvimento
Discutir a escola como espaço de pertencimento, proteção, resistência e produção de conhecimento.	Após o estudo dos verbetes quilombismo, quilombo e ancestralidade, os estudantes conversam em Libras sobre espaços que fortalecem suas identidades. Depois, produzem cartazes ou vídeos com a pergunta: "Como nossa escola pode ser um quilombo de aprendizagem?"

Produto final: exposição visual ou vídeo-manifesto em Libras.

Atividade 4 — Glossário vivo em Libras

Objetivo	Desenvolvimento
Ampliar a circulação dos sinais-termos na escola.	Cada grupo escolhe um verbete da cartilha, estuda o conceito, assiste ao vídeo em Libras e prepara uma explicação visual para a turma.

Produto final: apresentação em Libras, com apoio de imagens, palavras-chave e exemplos do cotidiano escolar.

Atividade 5 — Sinal-termo em contexto

Objetivo	Desenvolvimento
Compreender o significado dos sinais-termos em situações reais da escola.	O professor escolhe um verbete da cartilha e apresenta o sinal em Libras, a definição e um exemplo. Depois, os estudantes criam pequenas situações em que aquele conceito aparece, como racismo estrutural, identidade negra, lugar de fala ou antirracismo.

Produto final: apresentação curta em Libras, com apoio de imagens ou palavras-chave.

Unidade 4 - Propostas de atividades pedagógicas

Atividade 6 — Quem falta nesta história?

Objetivo	Desenvolvimento
Identificar ausências de pessoas negras, surdas e negras surdas nos materiais escolares.	Os estudantes analisam livros, cartazes, vídeos ou atividades usadas na escola. Em grupo, observam quais pessoas aparecem, quais histórias são contadas e quais grupos ficam invisíveis.

Produto final: mural bilíngue com o tema: “Quem aparece? Quem falta? Quem precisa ser valorizado?”

Atividade 7 — Biografia visual de referências negras

Objetivo	Desenvolvimento
Valorizar personalidades negras, surdas ou negras surdas como referências positivas.	Cada estudante ou grupo escolhe uma personalidade negra para pesquisar. A apresentação deve trazer nome, imagem, trajetória, contribuição social e relação com algum verbete da cartilha.

Produto final: apresentação em Libras, cartaz bilíngue ou vídeo curto.

Atividade 8 — Dicionário vivo da turma

Objetivo	Desenvolvimento
Ampliar a circulação dos sinais-termos em Libras.	Cada grupo fica responsável por um termo da cartilha. O grupo deve estudar o conceito, treinar o sinal, preparar uma explicação simples e apresentar para a turma.

Produto final: gravação de um pequeno videoglossário coletivo em Libras

Unidade 4 - Propostas de atividades pedagógicas

Atividade 9 – Escola antirracista: o que precisa mudar?

Objetivo	Desenvolvimento
Refletir sobre práticas escolares que podem combater o racismo e o capacitismo.	Após estudar os verbetes antirracismo, racismo estrutural, preto-surdo e interseccionalidade, os estudantes discutem ações concretas para tornar a escola mais justa, acessível e acolhedora.

Produto final: lista coletiva de propostas para a escola, em Libras e português escrito.

Atividade 10 – Painel da ancestralidade

Objetivo	Desenvolvimento
Valorizar memória, pertencimento, família, território e cultura.	O professor apresenta o verbebo ancestralidade e propõe que os estudantes representem suas referências familiares, culturais ou comunitárias por meio de desenhos, imagens, objetos, sinais ou palavras.

Produto final: painel visual com o tema: “Nossas histórias também ensinam”.

Atividade 11 – Cartaz bilíngue contra o racismo

Objetivo	Desenvolvimento
Produzir material visual de conscientização.	Os estudantes escolhem um conceito da cartilha e criam uma mensagem educativa em Libras e português escrito. O cartaz pode conter QR code para vídeo em Libras, imagem, frase curta e explicação acessível.

Produto final: exposição de cartazes pela escola.

Unidade 4 - Propostas de atividades pedagógicas

Atividade 12 – Cena-problema e solução

Objetivo	Desenvolvimento
Analisar situações de exclusão e propor respostas antirracistas.	O professor apresenta uma situação fictícia, como ausência de intérprete, comentário racista, apagamento da cultura negra ou desvalorização da Libras. Os estudantes discutem o problema e propõem uma solução.

Produto final: dramatização em Libras ou produção de vídeo com a situação e a resposta coletiva.

Atividade 13 – Roda de sinais e palavras

Objetivo	Desenvolvimento
Relacionar Libras, português escrito e conceitos antirracistas.	O professor distribui cartões com termos da cartilha. Cada estudante escolhe um cartão, apresenta o sinal em Libras, lê ou observa a definição e explica o conceito com suas palavras.

Produto final: glossário coletivo fixado na sala ou em ambiente virtual.

Atividade 14 – Carta coletiva à comunidade escolar

Objetivo	Desenvolvimento
Transformar a reflexão em ação pedagógica.	Depois de estudar alguns verbetes, a turma escreve coletivamente uma carta para a escola, defendendo práticas bilíngues e antirracistas. A carta pode abordar representatividade, respeito à Libras, combate ao racismo e valorização de estudantes negros surdos.

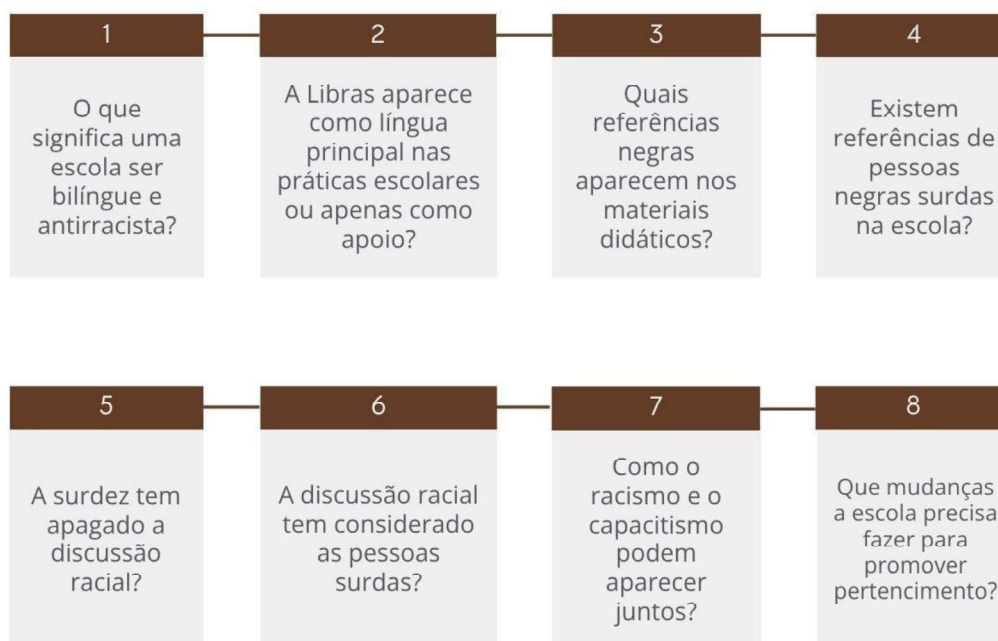
Produto final: carta bilíngue, com versão em português escrito e vídeo em Libras.

Unidade 4 - Propostas de atividades pedagógicas

Perguntas disparadoras para rodas de conversa

A roda de conversa deve ser realizada em Libras, com apoio do português escrito e de recursos visuais. O professor deve apresentar o verbete escolhido, explicar seu significado e relacioná-lo à escola, à identidade negra, à cultura surda e ao antirracismo.

As perguntas devem estimular o diálogo sem obrigar estudantes a relatarem experiências pessoais de racismo ou discriminação. Ao final, as principais ideias podem ser registradas em sinais, imagens, palavras-chave ou pequenos textos, valorizando a participação dos estudantes e o respeito às diferentes identidades.



Unidade 5

Considerações finais

Esta cartilha foi elaborada como um material formativo-consultivo voltado à educação bilíngue de pessoas surdas em diálogo com a educação antirracista, reunindo sinais-terminos, definições acessíveis, referências teóricas e propostas de uso pedagógico. Sua finalidade é apoiar professores, estudantes, intérpretes de Libras, equipes pedagógicas e demais sujeitos envolvidos na construção de práticas escolares mais críticas, acessíveis e comprometidas com a valorização das identidades negras surdas.

Ao longo do material, buscou-se demonstrar que a educação de surdos não pode ser pensada apenas a partir da acessibilidade linguística. A Libras é central para garantir o direito à aprendizagem, mas também é necessário reconhecer que os estudantes surdos possuem raça, gênero, classe, território, história, cultura e pertencimentos diversos. Por isso, uma educação bilíngue verdadeiramente inclusiva precisa também enfrentar o racismo, o capacitismo e as formas de apagamento presentes nos currículos, nos materiais didáticos e nas relações escolares.

Os verbetes apresentados nesta cartilha contribuem para ampliar o acesso, em Libras e em português escrito, a conceitos fundamentais para o debate antirracista, como quilombismo, identidade negra, epistemicídio, escrevivência, racismo estrutural, interseccionalidade, branquitude, ancestralidade e preto-surdo. Esses conceitos ajudam a compreender que pessoas negras surdas não devem ser vistas apenas como destinatárias das práticas pedagógicas, mas como sujeitos de conhecimento, memória, resistência e transformação social.

É importante destacar que este glossário não pretende encerrar os debates nem fixar os sinais-terminos de forma definitiva. A Libras é uma língua viva, construída nas relações sociais e nas comunidades surdas. Portanto, os sinais, conceitos e propostas aqui apresentados devem ser compreendidos como ponto de partida para novas reflexões, adaptações, validações e ampliações, especialmente com a participação de pessoas negras surdas.

Espera-se que esta cartilha contribua para o fortalecimento de uma escola mais democrática, bilíngue, antirracista e sensível às múltiplas identidades dos estudantes. Que este material possa inspirar rodas de conversa, projetos pedagógicos, formações docentes, produções em Libras e ações concretas de enfrentamento ao racismo. Quando mãos negras surdas sinalizam resistência, elas também produzem saberes, constroem pertencimento e anunciam outros caminhos possíveis para a educação.

Um abraço!

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In.*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual**: possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot**: Revista de Filosofia, Amargosa, v. 4, n. 2, p. 1-19, 2011.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **A ancestralidade na encruzilhada**: dinâmica de uma tradição inventada. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Veneta, 2020.

SILVA, Erliandro Felix. Mais preto ou mais surdo? A interseccionalidade desconsiderada nos processos seletivos de pós-graduação. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. e16415, 2025.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

